



A FORÇA INDOMITA DA NOBRE ALBION ANTE A BARBARA ALEMANHA  
(Desenho de FERREIRA DA COSTA)

II série—N.º 562

ILUSTRAÇÃO

Lisboa, 27 de Novembro de 1916

PORTUGUEZA

Assinatura para Portugal, colónias portuguesas e Hespanha  
Trimestre, 1\$20 cty. — Semestre, 2\$40 cty.  
Ano, 4\$80 cty.

Director—J. J. DA SILVA GRAÇA  
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.

Numero avulso, 10 centavos

EDICÃO SEMANAL DO JORNAL O SEculo

Editor—JOSE JOUBERT CHAVES

# A empreza do SECULO

## NO BRAZIL

### Prevenção importante

De vez em quando apparecem uns *cavalheiros d'industria* quaesquer, que, aproveitando-se da extraordinaria acclimação de que, felizmente, goza em todo o Brazil a *Illustração Portugueza*, se servem do seu nome para angariarem assinaturas, com o unico fim de se apossarem de dinheiro, e algumas pessoas teem sido ludibriadas na sua boa fé.

Ha tempos foi um tal Abilio de Freitas Azevedo, de sociedade com Manuel Gomes Carneiro e Amaral & C., rua d'Alfandega, 110, 1.º, Rio de Janeiro. Agora chega-nos a noticia de novos *escrocos* que usam a firma de J. Pina & C.º e dizem ter escritorio na rua do Senado, 165, com a designação de Agencia de Publicações Estrangeiras, o que se sabe ser tudo falso.

Por diferentes vezes temos pedido ao publico do Brazil, e agora de novo o fazemos, para que não se deixe ludir por taes meliantes.

Qualquer pagamento só deve ser feito aos nossos agentes fixos de cada localidade, os quaes são bem conhecidos do publico das mesmas e facilmente podem comprovar a sua qualidade, oferecendo todas as garantias de seriedade pela sua conhecida situação comercial.

No RIO DE JANEIRO são agentes da Empreza do SECULO, ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA, E SUPPLEMENTO DE MODAS & BORDADOS OS SRS.

José Martins & Irmão

Rua do Carmo, 59, 1.º

Aos quaes podem ser dirigidos os pedidos de fornecimento das nossas edições, não só do Rio, como de outros pontos do Brazil, e bem assim ser satisfeitas as Importancias de assinaturas e anuncios tratados directamente com a sede da Empreza do seculo em Lisboa.

TELEPH. N.º 2638  
**PERFUMARIA**  
*ROSA D'OURO*  
COLOSAL SORTIMENTO  
Rua do Ouro, 281 JOAQUIM R. ALVES  
LISBOA

**Henri Manuel**  
**PHOTOGRAPHO D'ARTF**  
27, Rue du Faubourg Montmartre  
Agencia Internacional de Reportagem  
As mais importantes  
coleções de retratos de altas  
personalidades

**Perfumaria**  
**Balsemão**  
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

**REMÉDIO FRANCEZ**  
o mais antigo conhecido contra a  
**PRISÃO DE VENTRE**  
INVENTADO em 1802  
VERDADEIROS  
**Grãos de Saúde**  
do **D<sup>r</sup> Franck**  
(Véritables Grains de Santé du D<sup>r</sup> Franck)  
Em todas as Pharmácias e Drogarias.  
DEPOSITARIO:  
J. DELIGANT, 15, R. dos Sapateiros, LISBOA

PARA ENCADERNAR A  
**"Illustração Portugueza"**  
Estão a venda bonitas capas em percaline de fantasia para encadernar o primeiro semestre de 1916 da *Illustração Portugueza*. Este novo de ótimo efeito.  
Preço: 400 réis  
Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia, pôde ser remetida em vale do correio ou ordens postaes. Cada capa vai acompanhada do indice e trontespicio respectivo.  
ADMINISTRAÇÃO DO "SECULO"  
Rua do Seculo, 43  
LISBOA

## O passado, o presente e o futuro



REVELADO PELA MAIS CELEBRE  
CHIROMANTE  
E FISIONOMISTA DA EUROPA  
**MADAME**  
**Brouillard**

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em valleciosos. Pelo estudo que fez das ciencias, quromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose d'Arpenligny, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America onde lo admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos

que se lhe seguiram. Faia portuguez, francez, inglês, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis.

A VENDA  
**Almanaque d'O SECULO**  
(ILUSTRADO)  
PARA 1917

## Grande marca franceza

**CRÈME SIMON**  
PARA  
conservar ou dar  
ao rosto  
**FRESCURA  
MACIEZA  
MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.  
Os **PÓS** de Arroz **SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benefica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE d'OR, Paris 1900  
**J. SIMON**, 59, rue du faubourg Saint-Martin PARIS 10<sup>º</sup>  
PHARMACIAS, PERFUMERIAS  
e lojas de Cabelleretios.  
**Desconfiar das Imitações.**

# CHAPEAUX MODÈLES



CASA MIMOSO

Rua do Ouro — LISBOA

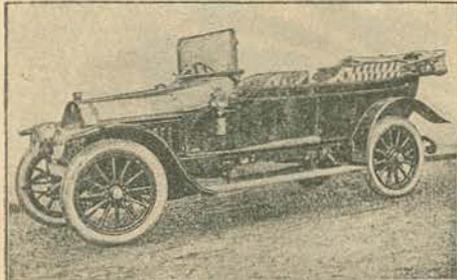
# Pneumaticos GOOD YEAR



ANO BOM

A GRANDE MARCA AMERICANA  
**AUTOMOVEIS "GOTTIN & DESGOUTTES"**

*Notaveis pela sua robustez e grande energia em rampa*



## RADORENE

Para vedação rapida e eficaz de fugas em radiadores.  
Evita soldagens.

Garage e Oficina de Reparações  
TRAVESSA DA GLORIA, 26—Telef. C. 3046

Reparações em pneumáticos e camaras d'ar

PELOS PROCESSOS MAIS MODERNOS

A mais antiga officina da especialidade

**PNEUS "DUNLOP", "MICHELIN" E OUTRAS MARCAS**

**Acessorios d'automoveis**

Oleos lubrificantes, Aços, Ferro, Cadinhos, Tijolos e Barro refratarios

End. teleg.

ABLACK

# A. BLACK & C.º

Telef. 1026

Central

ESCRITORIO E ARMAZENS: R. Boa Vista, 30—**LISBOA**

# BABCOCK & WILCOX, LIMITED

Constructores de Caldeiras Aqno-tubulares de vapor, privilegiadas  
**CONSTRUIDAS INTEIRAMENTE DE AÇO—PERFEITA CIRCULAÇÃO DA AGUA—INEXPLOSIVEIS E ECONOMICAS**

A potencia das nossas Caldeiras que se encontram actualmente instaladas,  
excede **14.000.000 cavalos-vapor**

**MAIS DE 200 INSTALAÇÕES EM PORTUGAL**

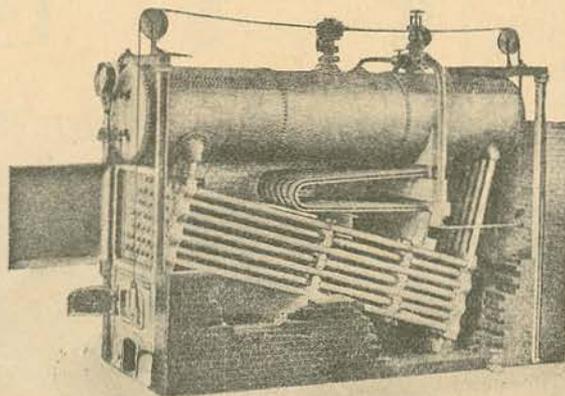
*Tambem cons-  
truimos:*

*Sobreaquecedo-  
res  
de vapor.*

*Carregadores  
mecanicos para  
fornalha.*

*Aquec: dores  
da gua  
de alimentação.*

*Purificadores  
automaticos  
da agua de ali-  
mentação*



*Economisadores.  
Chaminés  
de aço.*

*Transportadores  
mecanicos  
para carvão.*

*Guindastes ele-  
ctricos.*

*Tubagens de va-  
por*

*Acessorios  
para caldeiras,  
etc.*

Caldeira "Babcock & Wilcox" typo terrestre, provida de Sobreaquecedor de vapor

Sucursal geral para Portugal: **LISBOA**—Rua do Comercio, 84 e 86

Telegramas—**BABCOCK**

Telefone—N.º **3:340-Central**

# COLGATE'S RIBBON DENTAL CREAM



## Pasta para dentes americana

A melhor e mais usada em todo o mundo

Contra 6 cent. em estampilhas será enviada  
uma amostra pelos

AGENTES GERAES:

SOCIEDADE LUZO-AMERICANA  
dos Estabelecimentos

Gaston, Williams & Wigmore, L.<sup>da</sup>

R. da Prata, 145

LISBOA Telephone: Central 4096



Encontra-se em todos os bons estabelecimentos que tambem vendem sabonetes, perfumes, loções, elixires dentífiricos, crèmes, etc. d'esta acreditada marca americana.



# SOCIEDADE TORLADES

LIMITADA

32, *Rua Aurea* — LISBOA

AGENTES DA

**Compagnie des Messageries Maritimes  
Furness, Withy & C.º Ltd.  
Bureau Veritas**

CORRESPONDENTES

Em Londres:

Lloyds Bank Limited, London County & Westminster  
Bank Limited, Brown, Shipley & C.º  
Hambro & Son, Baring Brothers & C.º

Em New York:

Brown Brothers & C.º

Em Paris:

Credit Lyonnais, Banque de l'Union Parisienne  
Banque Française pour le Commerce et l'Industrie,  
Societe Marseillaise de Credit Industriel  
et Commercial, Lloyds Bank (France) Limited

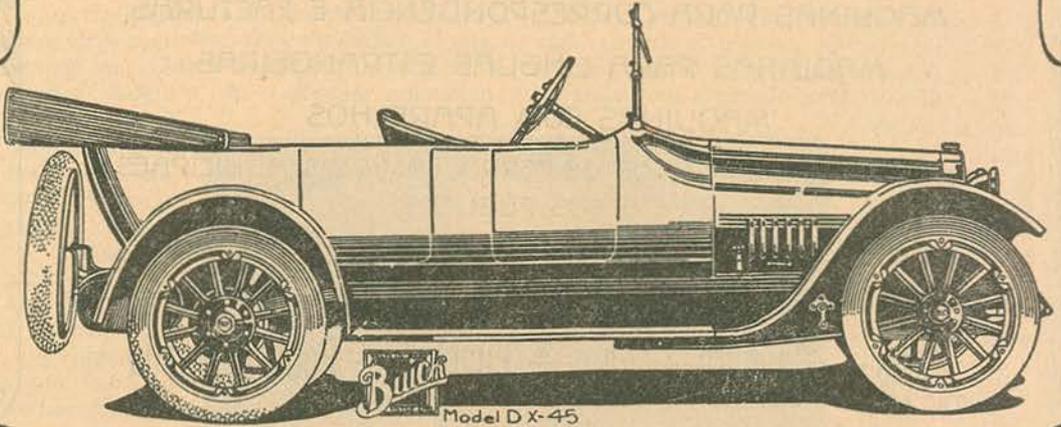
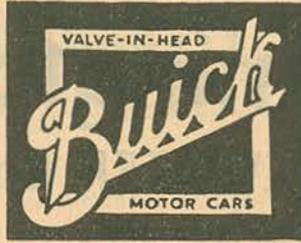
Em Bordeos:

Lloyds Bank (France) Limited

No Brazil e Rio da Prata:

The British Bank of South America Limited

E EM TODAS AS PRINCIPAES CIDADES



AGENTES GERAES

PARA

PORTUGAL E COLONIAS

*C. S. Dias de Figueiredo*  
& C.<sup>ª</sup>

RUA BARATA SALGUEIRO, 15

LISBOA



**Grand Prix**

PANAMÁ  
PACIFICO

1915

**Remington**

**TYPEWRITER Co.**

PORTUGAL

**Lisboa**

109, R. Nova do Almada

TEL. 1220

MAQUINAS PARA CORRESPONDENCIA E FACTURAS

MAQUINAS PARA LINGUAS ESTRANGEIRAS

MAQUINAS COM APARELHOS

PARA BANCOS, CAMINHOS DE FERRO, CAMARAS MUNICIPAES,  
SERVIÇOS PUBLICOS,

E TODOS OS TRABALHOS DE CONTABILIDADE E TODOS OS USOS ESPECIAES

**Porto — Coimbra — Faro — Funchal — Ponta Delgada**

Tel. 1276

Tel. 550



**Alliance Assurance C.º L.º**

*Companhia inglesa de seguros contra fogo*

FUNDADA EM 1824

Capital e fundos excedem 24 milhões de libras esterlinas

**Presidente Hon. N. CHARLES ROTSCCHILD**

AGENTES EM PORTUGAL

**HICKIE BROTHERS**

Telephone 2973 — **7, Rua do Crucifixo, 1.º — LISBOA**

# INGLATERRA

A Inglaterra é proclamada com justiça a primeira potencia do mundo. Esta supremacia,

que representa a obra muitas vezes secular e largamente fecunda do trabalho, da paz, de uma boa administração e de uma melhor politica, atingiu o seu esplendor culminante com o atual conflito, aticado pela Alemanha, como o ultrage mais monstruoso, de que fala a historia, feito á civilização e á humanidade.

A Inglaterra como todos os velhos Estados europeus, como nós proprios, surgiu das grandes refregas medievas, firme, sã, avigorada em ideias sublimes, com as mais poderosas caracteristicas da raça anglo-saxonia. Consolidada a sua independencia e confinada no seu territorio pelo mar, não tardou a que fizesse da imensidade d'este um dominio seu.

A guerra nunca mais lhe serviu senão para sua defeza, ou para defeza dos pequenos. Arroteou o seu solo, desentranhando-lhe, pela cultura intensiva, riquezas prodigiosas que ninguem tirou nunca de uma área cinco ou seis vezes maior. Sobre essa base creou artes, industrias

e comercio, desabrochando a seguir as ciencias e as letras que vieram completar a singular fisionomia, que a nação ingleza apresentou logo nos primeiros seculos da sua existencia.

Era o estado moderno que se formava já com admiravel nitidez, sob uma orientação segura, quando todos os outros ainda só pensavam na sua expansão á mão armada, e, por

isso, tão efemera, tão odiosa e tão difficil de sustentar. Em vez de navios, carregados de soldados e de armas, bafejados pela aura da conquista a ferro e fogo, começou a irradiar dos seus portos um movimento, mais tarde assombroso, inegualavel, que levava até aos confins do mundo o exemplo vivo do progresso, da riqueza, da ordem e da solidariedade nacional. Não eram soldados que iam fazer sentir bem longe o vigor do seu braço, a generosidade do seu sangue, a sua resistencia inquebrantavel; eram milhares de homens de iniciativa, de acção, que se espalhavam pela superficie do



Sua Magestade o rei Jorge V de Inglaterra

globo como apóstolos de um santo ideal, congregando em volta d'eles e aproveitando muita soma de esforços perdidos; as suas armas eram instrumentos de trabalho cada vez

outro os sabe conservar na mesma comunhão indivisível de sentimentos patrios e de interesses, que caracteriza o povo inglez.

A par d'esta colossal obra economica e financeira outra não menos consideravel realisava o poderoso imperio. Em volta da sua «Magna Carta», outorgada no principio do seculo XIII e que para esse tempo já representava um bom numero de liberdades reduzidas a codigo, nunca mais deixaram de se aglomerar direitos e regalias populares á medida que a nação os ia conquistando.

A influencia da sua organisação politica estendeu-se ao velho e ao novo mundo, como a da sua actividade e a da gerencia dos seus negocios. As melhores prerogativas dos povos modernos foram-lhes conferidas a seu exemplo; todos eles procuraram o seu convívio, inspirando-se na sua obra, admirando-a, seguindo-a e depondo n'ela a esperanza da paz mundial.

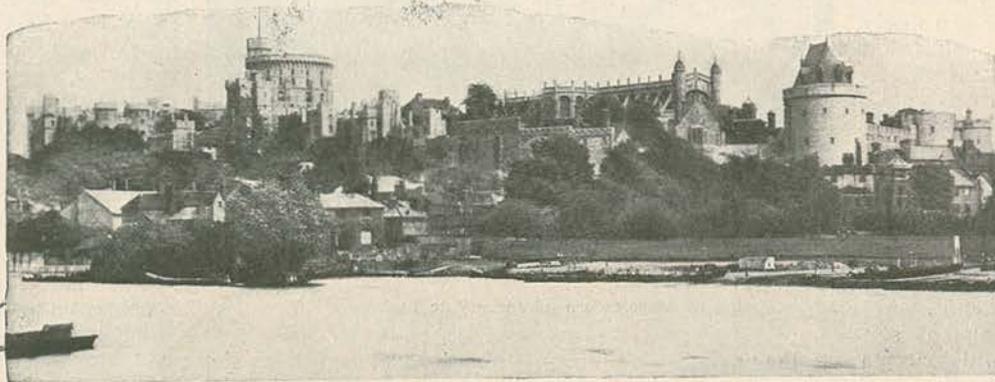
E era esta a unica preocupação da Inglaterra, guardando-se de restringir ou de contrariar a expansão comercial dos outros povos onde predominava ou podia predominar a sua. Com a consciencia de uma superioridade inegavel e com a sua no-

Sua Magestade a Rainha Victoria Maria, de Inglaterra

mais aperfeiçoados; o seu dominio não se impunha á terra estranha pela força, mas, sim, pela superioridade do genio, pela franqueza do trato, pela simplicidade dos seus costumes e pelas suas excepcionaes facultades de governo e de administração.

Foi assim que estabeleceu, pouco a pouco, a rede gigantesca do commercio universal, o liame mais estreito da familia humana, ensinando-a a trabalhar, a auxiliar-se reciprocamente, a fazer da actividade productiva, das boas relações e do respeito mutuo, os fortes esteios da sua vida. Foi assim que ela alargou, como nenhum outro paiz, os seus dominios e os consolidou, e como nenhum

Sua alteza o Príncipe de Galles



Vista geral do castelo de Windsor, uma das residencias da familia real inglesa



Honourable Lloyd George, ministro da guerra



Honourable Herbert Asquith, primeiro ministro Inglez



Lord Edward Grey, ministro dos estrangeiros

bre larguesa de vistas, foi sempre avessa aos meios mesquinhos de hostilizar o competidor. Nunca recebeu competencias nos mercados comerciais ou em qualquer outro campo de acção; trouxe sempre tão afas-

exemplo na historia universal, atingindo o maximo da sua potencia.

Porque, no funço de tão urgente trabalho, encontra-se o esforço verdadeiramente humano, a resultante do esforço

tada a idéa da guerra que, quando esta explodiu no centro da Europa como um mar de fogo que a havia de galgar toda, a primeira potencia do mundo tinha um exercito ativo só de 233 mil soldados, com a restrita artilharia e munições, e 263 mil no exercito colonial, não falando já das varias medidas dos seus governos para limitar as suas construções navaes e ampliar a competencia do tribunal da Haya. E foi ela que quiz a guerra, pretexto imbecil e caluniosamente a Alemanha que ha 40 anos se preparava noite e dia, armando milhões de homens e educando-os na estupenda ambição de saltarem um dia como chacaes sobre os povos desprevenidos e avassalarem-nos!

E' esta espantosa desproporção que melhor dá a idéa da magnitude do esforço Inglez, d'esse assombroso esforço que, em alguns mezes, consegue arrancar, do remanso da paz, homens, armas e munições para opôr triunfantemente aos intensos preparativos militares de dezenas de anos! Sim; a Inglaterra, cuja atividade fabril era quasi toda absorvida pelo seu commercio com o mundo inteiro, ocupando-se secundariamente de coisas de guerra; a Inglaterra, onde nunca se cultivou o espirito militar, onde o soldado e o exercito não tinham grande popularidade e onde nem sequer havia o recenseamento obrigatorio; a Inglaterra, que só pensava n'alguma questão colonial originada entre os pretos, e nunca n'um conflito entre povos da raça branca na face da Europa, passou de subito por uma transformação, de que não ha outro

personal de todos os Inglezes, sem distincção de jerarquias, sem olhar á distancia a que se encontram por todo o globo. Vilipendiando a fé dos tratados, supreendeu-os a Alemanha com um répto de vida ou de morte. A aguia acordou o leopardo que dormia tranquilo e confiado, como os fortes, contando feri-lo de traiçoeria surpresa. E, quando menos cuida, é ela que vê abatido, humilhado, o seu vôo atrevido!

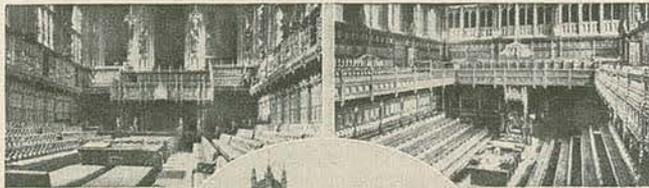


O almirante Jellicoe, comandante das esquadras Inglezas no mar do Norte

Em alguns mezes surgem, como por encanto, nos principaes centros fabris de Inglaterra, arsenaes e numerosas fabricas de munições, de artilharia e de todo o genero da arma de combate, chegando fartamente para os seus exercitos e ainda para ceder aos aliados. Trabalham n'elas homens e mulheres com um ardor e energia inquebrantaveis, como se estivessem na frente da batalha a combater diretamente o inimigo. Todos porfiam para contribuir para a defeza sagrada da patria. Nunca se viu emulação

assim. Já em 1915 o numero de homens, que trabalhavam n'essas fabricas, era 7 vezes maior, apesar das exigencias das fileiras. Em centros fabris onde trabalhavam d'antes 500 mulheres, vêem-se hoje trabalhar 9:000! E' uma percentagem colossal. Muitas d'elas ganham dinheiro pela primeira vez, sendo admiravel a convivencia fraternal entre as mais instruidas e de melhor posição e as mais modestas.

Em pouco tempo, preparou-se o paiz para aceitar a lei do recenseamento e aceitou-a, como se já fôsse de implantação secular. A



1. Camara dos Lords—2. Camara dos Communs—3. O parlamento Inglez visto do Tamisa.



Um trecho do magestoso porto de Londres

Inglaterra, que tinha apenas 233:000 soldados não tardou a levantar um exercito de 60 por cento da sua população em estado de manejar armas, comandado por officiaes distinctissimos, para ir combater além do mar, fóra do seu territorio, em pró de direitos e regalias que ela tanto ajudou a firmar. Hoje tem em pé de guerra 6 milhões de soldados! Todos esses homens teem-se mostrado um modelo de disciplina e de valor; mas ha ainda uma nota mais viva a frisar: é a do ideal de liberdade e de civilização que os leva a combater e a sacrificar heroicamente a sua vida.

E', a todos os respeitos, notavel o movimento nacional que a guerra operou em Inglaterra, e quem sabe o alcance consideravel que ele pode vir a ter de futuro. Todos os braços e cerebros, que não haviam trabalhado até então, entraram n'uma atividade vivissima, revelando-se em todos os seus campos pujantes aptidões, até então desconhecidas e desaproveitadas. Homens de Estado, homens de ação; officiaes, soldados, artistas, operarios, etc., a Inglaterra tem-nos hoje em abundancia, á prova da mais eficaz experiencia e da mais entranhada dedicação. A guerra já lhe ocasionou grandes perdas: mas, comquanto profundamente lamentadas, não foram substituíveis; e o maior imperio do mundo continúa equilibrado nas suas grandes forças, a despeito dos mais fortes abalos.

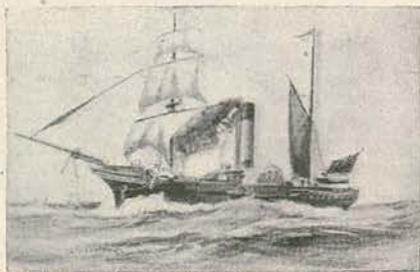
Toda a nação, desde o seu prestigioso chefe ao mais humilde subdito, vive hoje n'uma perfeita solidariedade perante o conflito europeu. As grandes qualidades de homem e de rei fizeram de Sua Magestade Jorge V o mais poderoso elo d'essa solidariedade. Sabe ser um valente na linha de batalha e seus filhos

seguem-lhe o nobre exemplo; é um firme e claro orientador nas supremas questões da politica e da administração; no grande rei personifica-se toda a envergadura moral da Inglaterra; n'ele tem o povo inglez a mais segura garantia das suas liberdades, do seu progresso, da sua supremacia.

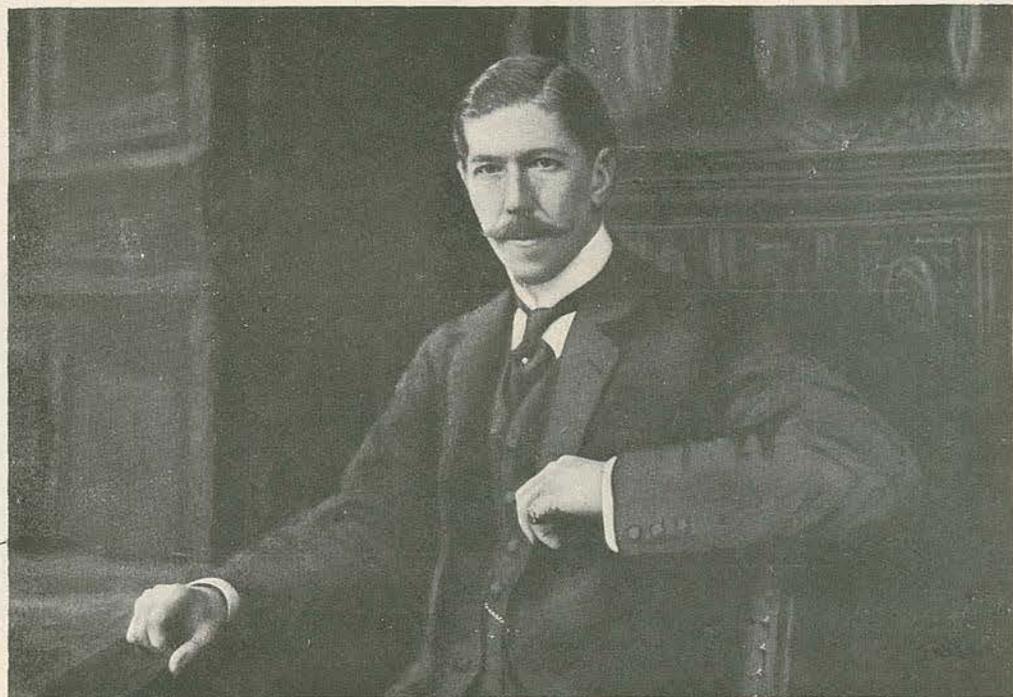
N'esta forte confiança da nação tem uma importante e justa parte o governo inglez, constituído por homens da mais alta envergadura e acrisolado patriotismo, cujo profundo bom senso e ponderação não se absorvem

só nos negocios do seu paiz, mas estão sempre prontos a coadjuvar os governos dos paizes aliados, tendo Portugal d'essa preciosa cooperação as mais frisantes provas nas facilidades financeiras asseguradas ao nosso governo para a nossa entrada na guerra e nas demonstrações de estima que, vindas da primeira potencia do mundo para uma tão pequena, valem para nós, n'esta entroviscada conjuntura, mais do que montes de ouro. Entre as ultimas provas de vivo interesse que nos deu a Grã-Bretanha devemos registar as da sua missão naval e da missão militar, que nos enviou com a França, para o inicio de uma boa intelligencia e estreita camaradagem da sua marinha e do seu exercito com os nossos.

A *Ilustração Portuguesa*, interpretando o sentir do nosso paiz perante tão alevantado procedimento da sua poderosa aliada, presta-lhe n'este numero a mais comovida homenagem, relembando com orgulho tantos seculos de aliança e fazendo votos para que esta luta horrivel, que lhe veiu perturbar a sua obra de paz e de trabalho, a sua obra essencialmente humana, continúe até final, como até aqui, a cobril-a de gloria.



# Relações diplomaticas entre Inglaterra e Portugal



Sir Lancelot Douglas Carnegie, ministro plenipotenciario da Inglaterra em Lisboa.

A's suas relações diplomaticas com todos os paizes liga o governo inglez o particular cuidado de quem vê n'elas a verdadeira chave das outras relações. O estudo escrupuloso da nação, onde se faz representar, sob os varios aspectos da sua vida interna e externa, e a escolha ponderada das suas representações em obediencia a esse estudo, teem-lhe sempre assegurado por toda a parte uma estima e respeito profundos, pela fôrma por que se encaminham e solucionam os mais delicados assuntos diplomaticos.

Pelo que se tem dado com Portugal, onde não se aponta uma unica excepção a essa longa série de ministros plenipotenciarios que teem representado a Grã-Bretanha entre nós, avalia-se bem a sua representação diplomatica em



Madame Carnegie, esposa do illustre ministro da Inglaterra

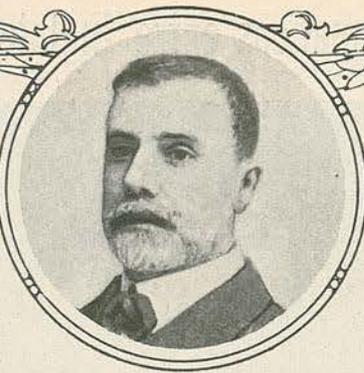
todo o mundo. O atual ministro plenipotenciario em Lisboa, o *Honourable Sir Lancelot Douglas Carnegie*, não tem só uma larga carreira diplomatica brilhantissima, é um espirito profundamente culto um caracter de tempera finissima, aliando a todos os primores da sua distincção pessoal uma sincera simpatia pelo nosso paiz.

O illustre diplomata descende de



Os interessantes filhos do sr. ministro da Inglaterra

uma das mais nobres e antigas famílias da Inglaterra. E' filho do nono conde de Southesk e irmão do actual titular do mesmo nome. Nasceu a 26 de dezembro de 1861 e foi educado em Eton e Oxford, distinguindo-se sempre nos seus estudos. Nomeado adido da delegação em 20 de novembro de 1886, foi para Madrid em 1 de junho de 1888 e para Petrogrado em 24 de



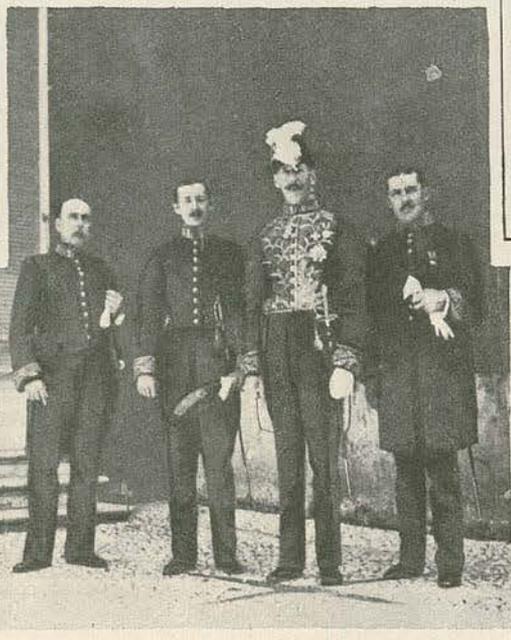
extraordinario e Ministro plenipotenciario da Grã-Bretanha em Lisboa, alto cargo que tem desempenhado de uma fôrma superior em intelligencia e criterio, consolidando o mais possivel as relações de amizade entre os dois paizes, bem merecendo por isso a admiração e o respeito que lhe consagram todos os portuguezes e que decerto tambem gosa em

O sr. dr. Manuel Teixeira Gomes ministro plenipotenciario de Portugal em Londres



Major general N. W. Barnardiston, chefe da missão anglo-franceza

março de 1892, sendo transferido para Berlim em 1 de novembro de 1899. Em 11 de outubro de 1901 obteve a alta distincção de *M. V. O.* (Membro da Real Ordem da Vitoria), merecendo a promoção a secretario da legação de Pekim em 23 de janeiro de 1904, e sendo transferido para Vienna em 15 d'abril de 1907. Em 1 de outubro de 1908 foi colocado em Paris e em 1 de janeiro de 1911 era elevado ao cargo de ministro plenipotenciario na Republica Franceza, tor-



O illustre ministro da Inglaterra em Lisboa, tendo á sua esquerda o 1.º secretario da legação, sr. Robert Ryd e Grey, e á sua direita os srs. William Seeds, 2.º secretario, e Hugh Charles George Oakley, tradutor e 2.º secretario



Aimlrante De Salls, chefe da missão naval Ingleza

Inglaterra, pois que em 1 de janeiro d'este ano lhe foi conferida a grande distincção *K. C. M. G.* (Cavaleiro comandante da Ordem de S. Miguel e de S. Jorge).

Madame Carnegie, descendente de uma distinta familia de Monkham (Essex) e irmã do actual ministro inglez em Bucarest, *sir* George Head Barclay, é uma senhora de excelsas virtudes e extremada distincção, gozando, como seu esposo e interessantes filhos, na nossa primeira socieda-



Capitão-tenente da armada, sr. João Manuel de Carvalho, adido naval em Londres

nando-se notavel pelos grandes serviços que prestou em Paris. Foi o principal delegado inglez na Conferencia Internacional Sanitaria, realisada em novembro e dezembro de 1911, e delegado em 1913 na Comissão Internacional sobre assuntos financeiros, originados pela guerra dos Balkans, revelando em ambas essas comissões uma competencia excepcional.

Tal é o passado do insigne diplomata, promovido em 1 de novembro de 1913 a Enviado

de das maiores simpatias.

Portugal tem sabido tambem corresponder á Inglaterra com uma acertada escolha dos seus representantes em Londres, sendo a sua actual representação digna, a todos os respetos, de registo pela sua a'ta competencia e pelo seu dedicado esforço em manter cada vez mais vivas as boas relações de tantos seculos que nos ligam á primeira potencia do mundo.



Capitão de artilharia sr. Frederico Ferreira Simas, adido militar em Londres



## A Inglaterra e o mar

*Eu como sonho a nobre terra inglesa  
E' d'uma firme e harmoniosa graça,  
Nimfa que o mar insaciado abraça  
Rendido a tal poder e a tal beleza!*

*E ela tambem, afetuosa e presa  
Da força apaixonada que a enlaça,  
Dando-lhe o amor sereno d'uma raça  
Que nenhuma supera na grandeza.*

*E' assim que eu a sonho; e não consente  
Afronta alguma feita ao seu amante,  
Nem ele á companheira algum agravo;*

*E unidos hão-de amar-se eternamente,  
Ela escrava, mas só do mar gigante,  
Só d'ela o mar, perpetuamente, escravo!*

ACACIO DE PAIVA.

# A CAMARA DE COMERCIO BRITANICA EM PORTUGAL

A Camara de Comercio Britanica em Portugal («The British Chamber of Commerce in Portugal» Incorporated), foi fundada em 1911 em consequencia da cada vez mais urgente necessidade de encontrar meios conducen-

tes ao estreitamento das relações commerciaes entre Portugal e a Grã-Bretanha.

Deve o seu inicio principalmente aos esforços do então primeiro secretario da Legação da Grã-Bretanha, Mr. Hugh Gaisford, homem de singular energia e iniciativa que, debaixo das ordens do ministro inglez, Sir Francis Villiers, se entendeu com os principaes vultos commerciaes da colonia ingleza em Portugal, numa reunião que se realiu em 19 de abril daquele ano.

A idéa encontrou logo grande entusiasmo por parte dos negociantes inglezes, ficando resolvido, sem mais delongas, inaugurar a Camara e iniciar os trabalhos. Foi então nomeado presidente o sr. J. W. H. Bleck, um dos vultos mais eminentes do nosso meio financeiro e comercial, que ainda hoje desempenha esse alto cargo com muito brilho e aplauso de todos.

A séde, cuja fotografia apresentamos, encontra-se, como é natural, em Lisboa, na rua Victor Cordon, 4, s 1, havendo sucursaes no Porto e na Madeira. Os trabalhos principaes estão centralizados na séde, onde são dirigidos por um conselho composto de 7 membros, do qual é presidente o

sr. R. G. Jayne, secretario honorario o sr. C. H. Bleck, tesoureiro honorario o sr. G. J. C. Henriques e vogaes os srs. H. W. Dartford, R. W. Frazer, J. Harker e A. O. Kolkhorst. As sucursaes do Porto e Madeira são dirigidas por conselhos de 5 e 3 membros respectivamente, tendo cada sucursal o seu secretario honorario para tratar da correspondencia. O conselho, no Porto, é composto dos srs. R. Coverley (presidente), H. W. Pheysey, H. W. Jennings, J. A. Yates e S. G. Wall, e, na Madeira, dos



William C. Tait, vice-presidente



William H. Bleck, presidente



Ronald Garland Jayne, presidente do conselho

srs. C. J. Cosart, presidente, H. C. Hinton e J. E. Blandy.

A maior parte do trabalho, no Porto, tem estado a cargo do sr. Pheysey, e, na Madeira, do sr. C. B. Cosart, quem muito tem secun-

dado os esforços do conselho central. Cabe á sucursal do Porto a escolha do vice-presidente da camara, tendo essa escolha recaído na pessoa do sr. Wm. C. Tait, importante exportador de vinhos do Porto.

Não resta a menor duvida sobre a oportunidade da inauguração desta camara, cujo inicio foi, talvez, um dos mais felizes entre as Camaras Britanicas no estrangeiro. Afluiu, desde logo, muitissimo trabalho, com o qual o conselho arcou como ponde, mostrando todos muito boa vontade e dedicando bastante tempo ás questões geraes e particulares que tem surgido.

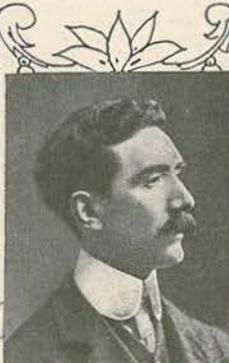
O sacrificio tornava-se, porém, demasiado, e viu-se então a necessidade de um secretario permanente que, na pessoa competentissima do sr. E. J. Summers, foi nomeado em abril de 1914.

Constituiu isto mais uma resolução feliz, pois que o ilustre secretario, mercê das suas grandes qualidades de intelligencia e de trabalho, teve tempo para se familiarisar com a maior parte das questões e aspirações da camara, antes de rebentar a actual monstruosa guerra, tomando desde então os trabalhos proporções extraordinarias.

E, sem duvida, um dos pontos mais notaveis, embora seja coisa muito natural, a constante e crescente cooperação que existe entre a camara e as diversas associações commerciaes portuguezas, e muito especialmente com a Associação Commercial de Lisboa, a Associação Industrial Portugueza



Charles Henry Bleck, secretario honorario



Edward Joseph Summers, secretario permanente



Gullherme João Carlos Henriques, tesoureiro honorario

e a Associação Commercial de Lojistas de Lisboa. Com a primeira destas corporações ha uma constante troca de correspondencia sobre toda a natureza de assuntos, o que de cer-



to contribue largamente para o estreitamento das relações e desenvolvimento do comercio dos dois paizes, aliados seculares. E' tambem certo que o unico desejo da "The British Chamber of Commerce in Portugal" é que haja sempre a mais perfeita «entente» entre ela e toda e qualquer associação commercial que cuide dos interesses de Portugal.

Não seria talvez logico acabar este artigo sem duas palavras ácêrca do interior dos escriptorios da camara.

Modestos, em conformidade com a importancia do comercio que, por enquanto, se

permuta entre os nossos dois paizes, em comparação com outros de maior população, constam de uma sa-

la, bastante espaçosa e alegre, onde se reúne o conselho, e na qual se encontra uma pequena, mas eminentemente pratica e util, biblioteca, em grande parte devi-

da, segundo nos informa o sr. Summers, á gentileza dos diversos ministerios da Republica, e muito especialmente ao das colonias, que forneceu uma serie completa de valiosos volumes sobre a nossa legislação colonial.

Um «bureau» e algumas salas de trabalho completam a instalação desta camara que, de certo, é destinada a desempenhar um papel importante nas futuras relações commerciaes, que nos hão de ligar cada vez mais estreitamente á nossa aliada.



Edifício, onde está Instalada a Camara de Comercio-Britanica em Portugal

## RELAÇÕES COMERCIAES ENTRE INGLATERRA E PORTUGAL

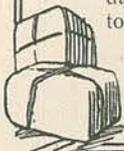
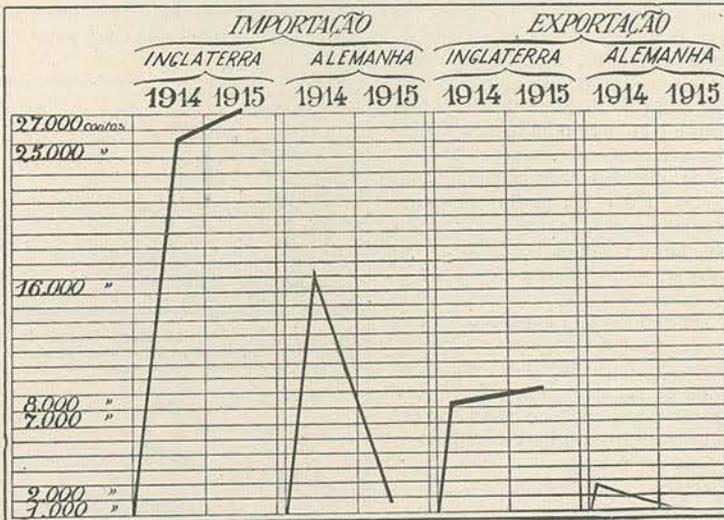
Não ha paiz cujo comercio tenha sido hostilizado, como o da Inglaterra. Foi ela que abriu aos outros os melhores mercados do mundo, chegando até a crear muitos mercados na Africa, Asia e na America para os produtos europeus, e raro foi aquele que, entrando ali, não pensasse em sobrepujar o comercio inglez, sem que este se preocupasse com a derrota. Rebeutada a guerra, foi essa ainda a obsessão da Alemanha, atacando por todos os meios traiçoeiros os seus navios mercantes e os dos outros paizes que demandavam por

tos inglezes.

Desde muito que ela se jactava de vir a absorver o comercio de Portugal. Nunca trepidou deante dos meios de fazer comercio, como não trepida deante dos que emprega

na guerra. Todos são bons com tanto que aniquilê o adversario. Muita gente ainda se deixa embalar com a lenda de que o mercado portuguez vivia sobretudo do alemão. Se assim fosse, ha muito mais de um ano, poucos mezes depois de explodir o conflito, estaríamos nós a braços com a mais dolorosa das penurias. Felizmente nunca tivemos essa dependencia capital da Alemanha, e o comercio, que tinhamos com ela, se não fosse o conflito que enredou todos os paizes nas suas malhas, seria suplantado por outro sem grandes delongas nem dificuldades. Ainda assim, com um pequeno esforço da nossa industria e mais alguma confiança dos nossos capitães e as devidas medidas governativas, a crise passaria por nós sem nos afetar muito.

Vejamos em numeros redondos: Nos primeiros 7





Importação de Inglaterra para Portugal nos primeiros 7 mezes de 1914.



Importação da Alemanha para Portugal nos primeiros 7 mezes de 1914.



Importação de Inglaterra para Portugal nos primeiros 7 mezes de 1915.

895 CONTOS

Importação da Alemanha para Portugal nos primeiros 7 mezes de 1915.

mezes de 1914, isto é, precisamente até ao fim do ultimo mez da saudosa paz europêa, impoitámos da Alemanha 16.500 contos, e da Inglaterra 25.400, ou sejam mais 9.000 contos. O commercio de importação com a nossa poderosa aliada era, pois, um terço superior ao que tínhamos com a nossa implacavel inimiga. Rompe a guerra, a pirataria alemã começa a infestar os mares afundando todos os barcos inofensivos que topava ao alcance dos seus torpedos. Imaginava-se que o commercio inglez iria afrouxando com os outros paizes e particularmente com o nosso. Tantos navios metidos criminosamente no fundo, é verdade; mas, além da frota mercante da Inglaterra ser enorme, por cada navio afundado surgiam dois ou tres. Hoje mesmo, segundo as estatísticas rigorosas do «Lloyd, estão-se construindo na Inglaterra navios como nunca.

E o facto é que, um ano depois, em julho do ano seguinte, no aceso da guerra, longe de baixar de cifra o seu commercio de importação em Portugal ascendia a 27.100 contos relativos aos primeiros 7 mezes de 1915. Cêrca de **dois mil contos mais!** E' de consciencia observar que tinha aumentado o agio do ouro, mas tambem é inegavel que o nosso commercio com a Inglaterra manteve-se.

Vamos agora ao alemão: de 16:500 contos, em que ele somava nos primeiros 7 mezes de 1914, desceu tão vertiginosamente que, no fim de igual periodo, em 1915 encontrava-se em **895 contos**. Quer dizer: **menos quinze mil e seiscentos contos!** Uma miseria, uma vergonha.

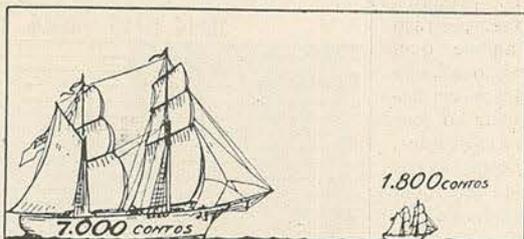
Com o commercio de exportação su-

cedeu o mesmo. Re-  
portando-nos sempre aos referidos periodos, e em numeros redondos, exportamos para a Inglaterra, em 1914, 7.200 contos, e para a Alemanha 1.800 contos, o que destroe pela base a lenda de que ela era tambem boa consumidora dos nossos productos. Em 1914, a exportação para a primeira subia a 8.000 contos, ou sejam **mais 1.000 contos**, e para a segunda descia á miseria de 69 contos, ou sejam **menos 1.730 contos**. Não podemos trazer até 1916 o nosso confronto, porque os ultimos dados officiaes publicados referem-se a julho de 1915.

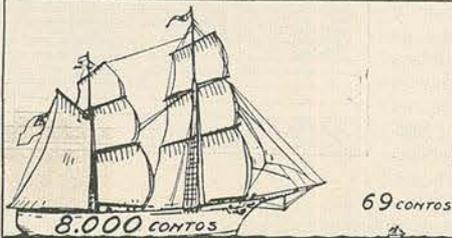
Para mais rapida intuição da lição sevêra que representam estes numeros, apresentamos os respetivos confrontos em graficos. O que não podemos é explanar, porque nem o espaço nem a natureza do logar nos permite, é que muitos dos productos, que importavamos da Alemanha, e que se julgavam privativos, em qualidade e preço, do seu mercado, passaram a vir da Inglaterra nas melhores condi-

ções possiveis, deixando nós de importar outros que não nos eram de tão inadiavel necessidade.

E', pois, ainda com a nossa grande aliada que nos encontramos comercialmente em ultimo recurso. Não ha como os numeros para desfazer lendas!



Exportação de Portugal para a Inglaterra nos primeiros 7 mezes de 1914. | Exportação de Portugal para a Alemanha nos primeiros 7 mezes de 1914.



Exportação de Portugal para a Inglaterra nos primeiros 7 mezes de 1915. | Exportação de Portugal para a Alemanha nos primeiros 7 mezes de 1915.

# OS INGLEZES EM FRANÇA

Prefaciando as cartas de «mistress» Humphry Ward a um americano sobre o «Esforço da Inglaterra», lord Rosebery resumiu esse esforço nas seguintes palavras, simples e eloquentes:

«Uma esquadra suprema; cinco milhões de homens em armas; um milhão e meio de homens e duzentas e cinquenta mil mulheres ocupados em fabricar munições; uma despesa quotidiana de perto de cinco milhões; uma dívida que aumenta d'uma maneira de tal modo formidável que, no mez de março proximo, no caminho em que as coisas vão, terá atingido a soma quasi inconcebível de tres bilhões quatrocentos e quarenta milhões de libras esterlinas...»

O que esse esforço representa para uma população de quarenta milhões (porque n'esses calculos, excéto pelo que respeita aos efectivos da marinha e do exercito, o lord inglez não meteu em linha de conta o concurso dos Dominions) nem sempre neutros e mesmo alguns beligerantes o têm sabido exatadamente avaliar. Um alemão disse um dia: «A Inglaterra bater-se-ha até ao ultimo francez!» e, mesmo entre os aliados, não faltou quem repetisse com malicia essa «boutade» inconsistente. Que admira que em Portugal alguns publicistas de mais ou menos discutivel boa-fé acusassem a Grã-Bretanha de egoismo quando, mesmo em França, nas horas tragicas de Verdun, certos se irritavam com a pretendida inação d'esses muitos milhares de homens que, ao norte do Somme, diariamente se barbeavam com esmero, faziam «sport», tomavam banho e bebiam ás cinco horas a sua chavena de chá!

Os que isso diziam, os que isso pen-

savam, viviam longe d'essa zona de guerra que no norte da França as tropas britannicas ocupam desde a frente alemã até ao mar e onde uma atividade de todas as horas, metódica, perfeita, admiravel, não cessou nunca de existir. N'essas mesmas horas angustiosas durante as quaes, nas margens do Mosa, os francezes sustentavam heroicamente a pressão formidável dos exercitos do principe herdeiro da Alemanha, essa zona de guerra alargava-se para permitir ao generalissimo francez reforçar com novos contingentes a sua barreira de defeza, e, acumulando os seus prodigiosos meios de combate, tateando o terreno, organisando-se com calma, os inglezes, que faziam «sport» e tomavam chá, aguardavam a hora d'essa offensiva brilhante

que hontem os levou a Combles e os levará mais longe amanhã.

E' preciso não esquecer nunca que a Inglaterra não estava preparada para uma guerra continental. Ela dispunha de um exercito de 150 a 200 mil homens de bons soldados de profissão que atravessaram a Mancha em agosto e setembro de 1914, acompanharam a retirada franceza até á Marne e acabaram de morrer nas hecatombes gloriosas do Yser. Esse foi o «desprezível exercito-sinho de French» de que o kaiser imprudentemente sorriu. Depois, um grande esforço foi julgado necessario, os inglezes compreenderam que a luta teria de ser longa e que nos campos de batalha de França se jogava a sorte do Imperio. Kitchener lançou o seu apelo e de todas as partes do Reino-

Unido a esse apelo respondeu logo um milhão de homens. Nada de comparavel nos tinha contado a Historia. N'um paiz que não fôra invadido, contra um inimigo contra o qual não existia um velho odio nem a ideia de desforra de antigos agravos, erguia-se a um apelo d'um minis-



Confraternisação alio-franceza  
(Desenho de Ferreira da Costa).

tro, sancionado pelo rei, o mais formidável exercito de voluntarios que o mundo jámais vira. E são esses voluntarios que se batem hoje ao norte do Somme porque, como se sabe, só em maio foi votada em Londres a lei da conscrição.

Alguem ha pouco me perguntou como as populações de França receberam os ingleses e se da convivencia de individuos de duas raças tão diversas, de povos de costumes tão diferentes não resultaram atritos capazes de prejudicar até certo ponto o bom exito de uma



O marechal sir John French, que foi o primeiro comandante em chefe das tropas inglesas em França e é atualmente generalissimo do exercito inglez.



O general sir Douglas Haig, actual comandante em chefe das tropas inglesas em França, e que acabou de ser nomeado fcl-marchal pelos seus brilhantes servicos.

freram todas as crueldades, que ainda sofrem de todas as miserias, as mais dolorosas, da guerra e do exilio. O proprio facto de no seu paiz esses soldados e as suas familias nada terem tido a suportar de semelhante aumenta a sua sensibilidade. A dôr é egoista. E essa é mesma a razão por que so belgas foram sempre recebidos na Inglaterra com um carinho que os francezes, occupados tambem com os proprios sofrimentos, nem sempre lhes puderam tão prodigamente dispensar.

No livro já citado de «mistress» Ward, que é

acção comum. Digamos as coisas como elas são: Para as terras de França da retaguarda, portos de mar e outras, onde o exercito britânico estabeleceu as suas bases de desembarque, de instrução ou de reabastecimento, essa invasão pacifica e amigã representou e representa uma fortuna. O inglez é o cliente rico que não sofre do pecado da avareza. Ele é um consumidor excelente e um pagador admiravel. D'aqui a mezes será preciso que os comerciantes do Havre, por exemplo, se compenetrem bem de que a retirada dos ingleses si-

uma romancista ingleza muito em voga, ha algumas notas curiosas sobre as relações entre os grandes aliados no territorio francez. A escritora visitou, perto da frente, um enorme deposito de automoveis creado e dirigido pelo coronel B. E escreve:

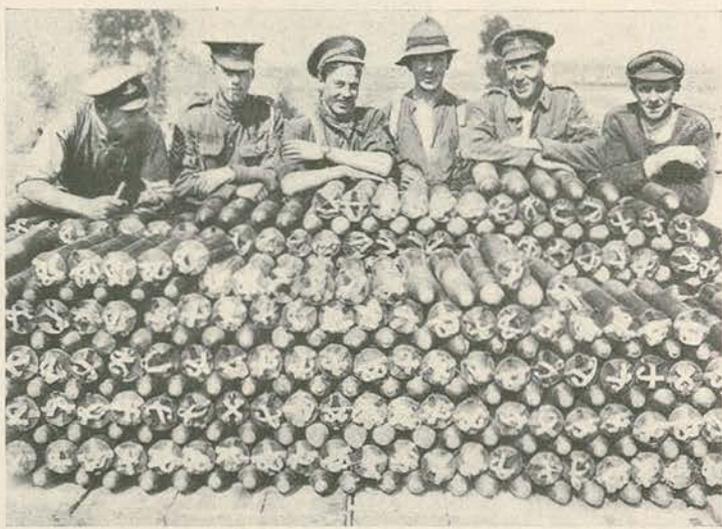
«As relações do coronel B. com o exercito de «chauffeurs» dos quaes cerca de mil vivem continuamente no deposito, são muito amigaveis, apesar da severidade da disciplina militar. A maior parte d'esses homens, que não são casados, travaram relações na cidade com operarias, raparigas sempre



Lord Kitchener, o illustre ministro da guerra que tanto contribuiu para a formidavel organização do exercito inglez e que encontrou a morte no mar quando ia à Rússia n'uma alta missão do seu paiz.

gnifica a victoria da França, para que os possam ver ir-se embora sem pezar.

Depois, o inglez é correto, incapaz de grosserias para com as populações que os hospedam, sensibilizando-se até á ternura pelos infortunios de que elas sofrem. Pertodos campos de batalha os soldados ingleses estão em contacto com habitantes de terras que o inimigo devastou, que lhe so-



Trecho de uma enorme pilha de munições de guerra acumuladas, n'um sector inglez, sendo em todos eles tão abundante a provisão que ha sempre grandes reservas, por mais que se gastem dia e noite.

bem vestidas com aceio, com as quaes o operario inglez gosta de passear nos dias de descanso. Já muitas promessas de casamento e, ao que me asseguram, ausencia completa de imoralidade. As familias adiam geralmente os casamentos para o fim da guerra por causa das dificuldades legais e outras; mas elles realisar-se-hão certamente depois de feita a paz. Seria curioso saber como o inglez e a

rapariga franceza conseguem compreender-se, mas não vale a pena; a gente não pode perder-se em conjeturas a esse respeito. E' certo, comtudo, que um certo numero de palavras hibridas, facilmente compreendidas por uns e outros, entram em uso pouco a pouco e, se a guerra dura ainda muito tempo, desenvolver-se-ha uma especie de esperanto que deixará vestigios nas duas linguas. A palavra «narppoo», por exemplo. Ela deriva, ao que se diz, da expressão «il n'y a plus», que o soldado ouve com frequencia quando vae á procura de ovos, leite e frutas. A palavra quer hoje dizer uma infinidade de coisas: ora tem o sentido de «fatigado», ora o de «morto».



da cosinha e poz-se a lavar a louça.

Uma das corajosas mulheres que, desde o começo da guerra trabalham dia e noite nas cantinas instaladas nas gares militares contou tambem á romancista ingleza que n'um dos primeiros dias da luta passou na estação onde ela serve um comboio de evacuados, cheio de pobres francezes, mulheres, creanças e ve-



lhos, a quem a autoridade militar fizera abandonar as suas casas deante das tropas alemãs. Em geral, a Cruz Vermelha cuidava d'esses refugiados distribuindo nos vagões bebidas quentes, provisões e vestuários. Mas n'aquela dia o numero de creanças tão grande era que algumas d'elas foram esquecidas. «No meio de toda aquela confusão — contou a mulher — vi um soldado escossez muito novo, quasi uma creança, pertencente a um regimento «highlander», com seis pequenos agarrados á sua roupa e pedindo-me que lhes dêsse chá. Com lagrimas nos olhos e na voz, explicou-me no diale-

Um capelão militar contou a «mistress» Humphry Ward uma cena de boa cordealidade a que assistiu um dia. Ele estava alojado n'uma herdade com um certo numero de soldados e um sargento. Todos tinham a maior admiração pelas caseiras que se ocupa-

vos, a quem a autoridade militar fizera abandonar as suas casas deante das tropas alemãs. Em geral, a Cruz Vermelha cuidava d'esses refugiados distribuindo nos vagões bebidas quentes, provisões e vestuários. Mas n'aquela dia o numero de creanças tão grande era que algumas d'elas foram esquecidas. «No meio de toda aquela confusão — contou a mulher — vi um soldado escossez muito novo, quasi uma creança, pertencente a um regimento «highlander», com seis pequenos agarrados á sua roupa e pedindo-me que lhes dêsse chá. Com lagrimas nos olhos e na voz, explicou-me no diale-



vam nos trabalhos da terra, cuidando ao mesmo tempo dos seus pensiónarios com uma dedicação admiravel. Uma tarde, o capelão, chegando junto da porta aberta da casa, viu na cosinha a filha da patrão que acabava de regressar do seu trabalho. Diante de uma pilha de pratos que tinha de lavar antes da ceia, a rapariga suspirava de fadiga. De repente na porta situada do outro lado da cosinha o sargento apareceu, olha para a rapariga, depois para os pratos, depois de novo para a rapariga. «Fattigay?» disse-lhe n'um tom de bom humor, avançando para ela. «Narppoo?» «Give'em-me. (Dê me isso). «Compree?» E sem lhe dar tempo para dizer uma palavra, empurrou-a para fora



1. Artilharia pesada dos inglezes na frente da batalha. — 2. O rei Jorge V na frente da batalha, acompanhado do general sir Douglas Haig. — 3. O príncipe de Gales na frente da batalha, observando o movimento das tropas indianas. — 4. O general comandante das tropas inglezas, sir Douglas Haig, tendo á direita o generalissimo Joffre e á esquerda o general Foch, o brilhante vencedor da batalha do Marne.

to escossez que os «bairns» tinham sido expulsos de suas casas, que isso o revoltava e que queria dar-lhes de comer. Procurei-lhe uma mesa livre, ofereci-lhe leite e ele comprou pão, manteiga e chocolate. Enquanto servia os pequenitos francezes, o escossez conversava com eles e — coisa curiosa! — tinham todos o ar de se compreender á maravilha».

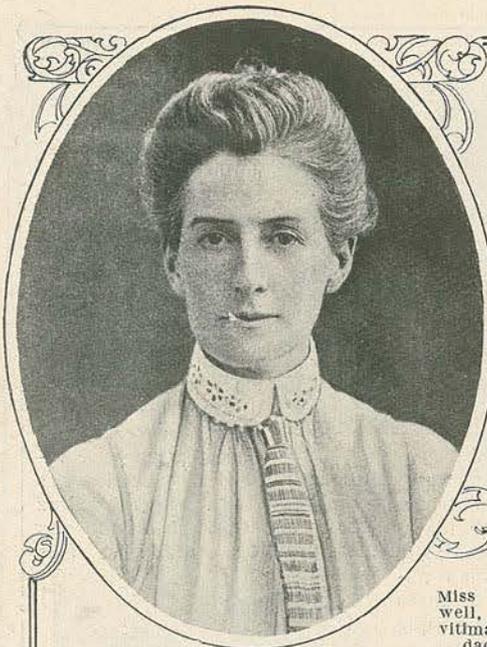
Em toda a parte onde tem combatido juntos a harmonia entre o soldado francez e o inglez é perfeita. E essa harmonia não será menos completa — estou bem certo — quando entre os dois houver a mais um portuguez.

Paris, Outubro.

PAULO OSORIO.

## A mulher inglesa

Comemorando a morte de Miss Cawell, vítima do odio alemão, M. Asquith pronunciou no parlamento britânico as seguintes palavras: «A historia imortal das suas ultimas horas deu ao mais corajoso dos ingleses uma alta lição de coragem. E todavia no Reino Unido e em todos



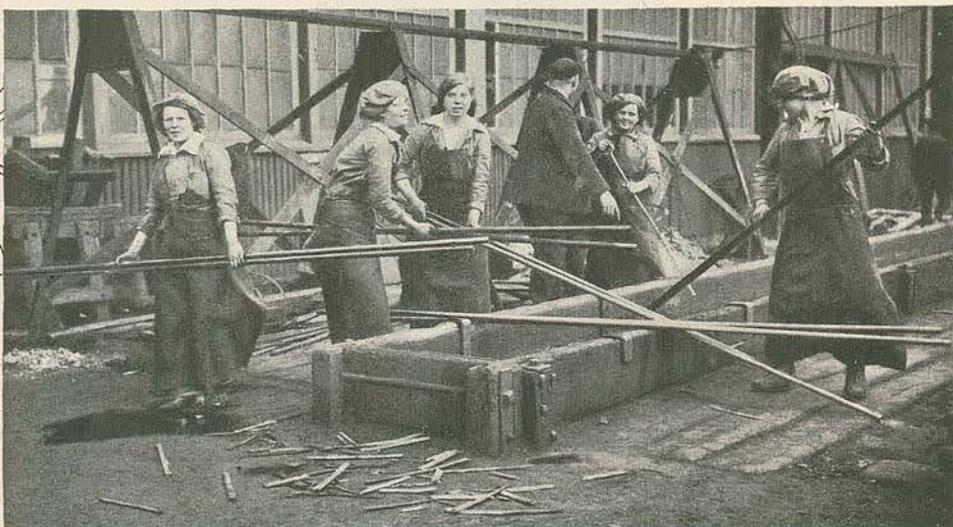
Miss Edith Cawell, a heroica vítima da ferocidade alemã



A rainha D. Filipa de Lancaster, mulher de D. João I de Portugal

os dominios da Corôa, ha milhares de mulheres assim—e, ha um ano ainda, todos nós o ignoravamos!»

Estas palavras de M. Asquith tem um precioso valor historico. Houve um momento em que o mundo poude julgar a mulher inglesa atravez das famosas sufragistas. A guerra, transformando a paizagem moral da Europa, em nenhuma parte, mais e melhor do que na Inglaterra, revelou a força social da mulher. O sufragismo, flôr exotica e rebelde, desapareceu no turbilhão da tempestade. Cristabel Pankhurst abandona o seu exilio para percorrer, de lado a lado, como um campeão da vitoria inglesa, os centros mais conhecidos do pro-germanismo americano. Miss Maude Royden atravessa a Grã Bretanha, n'um camion, prégando o recrutamento e a guerra—e miss Cawell, cingindo a corôa do martirio,



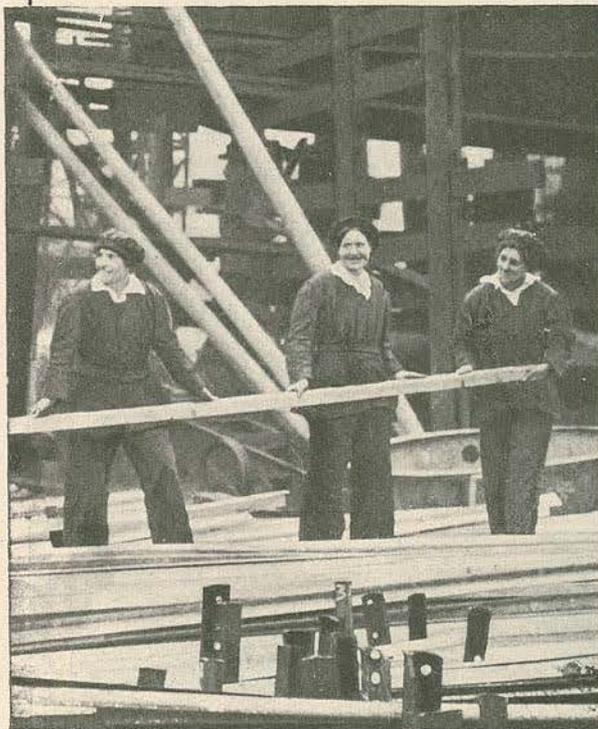
Mulheres Inglesas trabalhando n'um arsenal

morre, dizendo: «O patriotismo não basta! A caridade é o infinito amor!»

Ao lado d'estas mulheres admiráveis, de Miss Margaret Scott e de tantas outras, que estão fazendo n'este momento, em todas as classes, a honra e a gloria do espirito feminino da livre Al-

sangue. O «Times» consagra ao esforço da mulher ingleza um capítulo inteiro da sua «Historia da Guerra.»

Na grande obra que o esforço inglez realisa, n'esta hora suprema da huuanidade, a mulher ingleza ensina á Europa as virtudes ma-



1. Mulheres inglezas trabalhando em construções navaes.—2. Mulheres inglezas a caminho do trabalho n'uma fabrica de munições

bion, Eva dá á humanidade um exemplo raro de civismo, de ideal, de heroico sacrificio. O Estado inglez vê-se obrigado a inscrever oficialmente a mulher como um elemento ativo e formidável da sua ação militar e humanitaria. O «War Office» publica, na lista das perdas em combate, os nomes das enfermeiras mortas nos hospitaes de

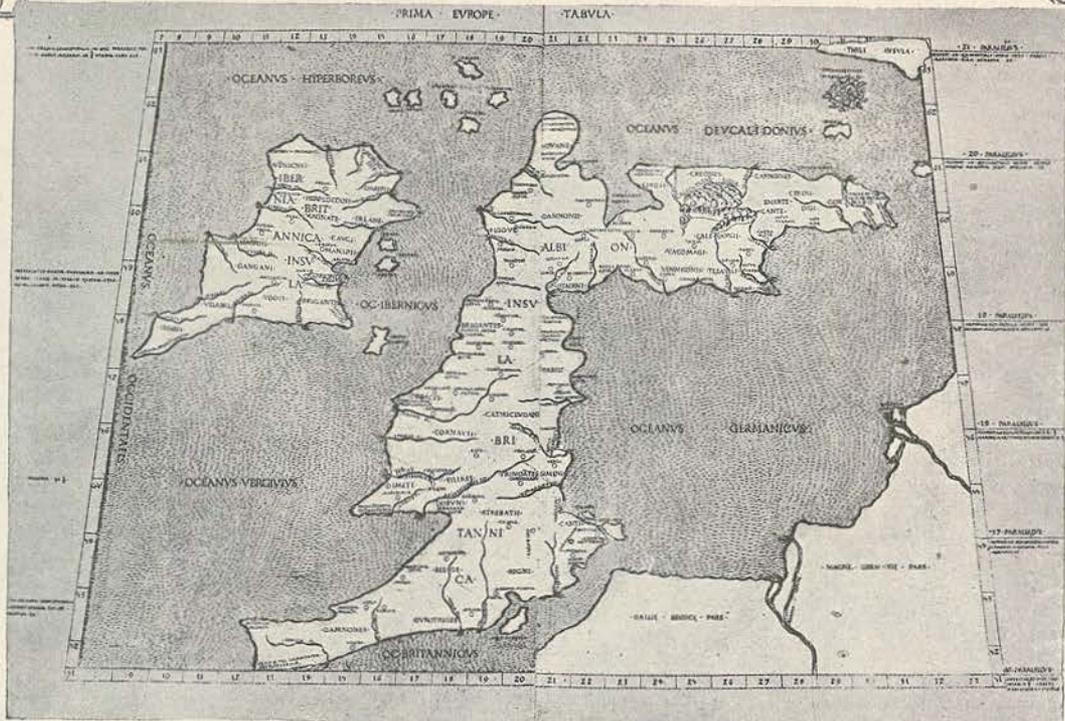


ximas da bondade, da paciencia e da energia. Os portuguezes, que têm na historia das suas grandezas o nome de Filipa de Lancaster, não pôdem ser os ultimos a reconhecer e a amar esta nobilissima lição feminina, que não é das menos eloquentes que esta guerra nos está dando.

A. de C.

Enfermeiras inglezas

# Um velho mapa das Ilhas Britânicas

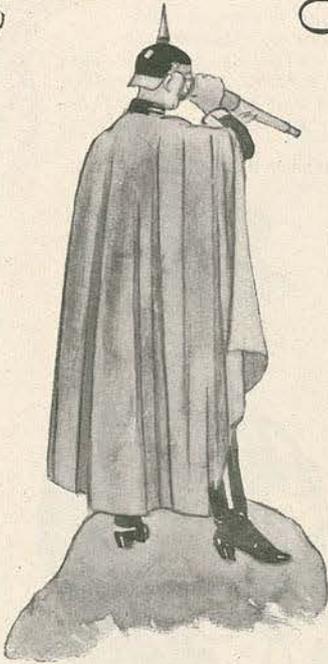


Ptolomeu, o celebre geografo grego, tão notavel sobre tudo pelos seus trabalhos de cartografia para aquela epoca, tambem nos deixou um mapa das Ilhas Britânicas, mapa que conjuntamente com outros foi publicado no seculo XVI, todos muito apreciados pelos elementos valiosos que forneciam para a historia das grandes navegações e descobertas.

Este mapa foi traçado pelos anos 140 depois do nascimento de Cristo, isto é, ha mais de 17 seculos e meio. O seu confronto com os mapas atuais dá a impressão de ter sido feito por uma criança. Efetivamente, a cartografia n'esse tempo achava-se na infancia pelo atrazo tambem de todas as ciencias suas subsidiarias e, se atendermos bem a isto, reconheceremos que o mapa de Ptolomeu já não foi traçado tanto á toa, como podiamos presumir se o não vissemos, mas representa um progresso sensível para tão recuados tempos.



# O esforço inglês



Como o Kaiser fantasiava a Grã-Bretanha antes da guerra.



Como o Kaiser a vê agora nas suas proporções esmagadoras.

Não será necessário um grande esforço para se fazer a demonstração da tese que no título deste artigo deixamos enunciada: a cooperação da Inglaterra com os aliados é um penhor seguro da grande vitória final. E' o que vamos ver.

Na guerra entrou a Grã-Bretanha com o pé direito. A 3 de agosto de 1914 o almirantado britânico, com justa arrogância, anunciava: — «A mobilização da esquadra inglesa estava completa, a todos os respeito, ás 4 horas da madrugada de hoje. De ora ávante a marinha inteira está em pé de guerra.» A marinha inteira era isto: 58 couraçados, dos quaes 18 *dreadnoughts*, representando um deslocamento total de 962.735 toneladas; 9 cruzadores de batalha, 187.600 toneladas; 47 cruzadores, toneladas 524.850; 65 cruzadores ligeiros, 272.525 toneladas; 25 torpedeiros, 61.085 toneladas; 201 contra-torpedeiros; 106 torpedeiros e 69 submarinos. Nos oceanos e mares patrulhas contra a ação *sarios*: no Atlantico, 4 cruzadores, 1 cruzador nas Bermudas no Cabo da Boa Esperança; 1 cruzador e 3 cruzadores; no Extremo Oriente, 1 couraçado, 2 cruzadores-couraçados e 2 cruzadores; na Australia, 1 cruzador-couraçado e 11 cruzadores.



O que conseguiu, para logo, o expediente inglês? Tão depressa as hostilidades estalaram, a navegação das duas maiores companhias alemãs «Hamburg Amerika» e *Nordeutscher Lloyd*, estava paralisada, e inerte, portanto, as suas centenas de navios, representando um total de 2.023.106 toneladas. Que admira que muitos e muitos navios mercantes aliados tenham sido metidos a pique, se a França, a Rússia e a Inglaterra, segundo as estatísticas do *bu eau* «Veritas» tem a sua parte uma tonelagem que representa 51% da navegação comercial do mundo inteiro, ao passo que os austro-alemães não passam dos 13%?



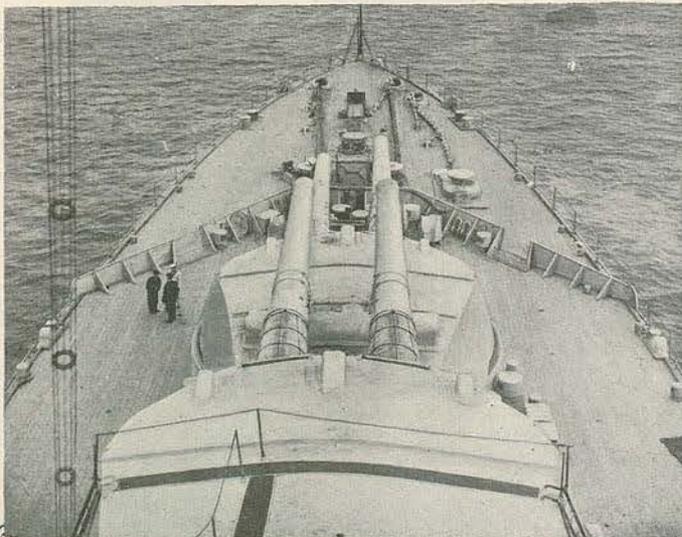
inimigas por mar, quer para ataque, quer para defesa; transportar as suas próprias forças para onde seja preciso; assegurar os seus abastecimentos, e poder auxiliar as operações terrestres.»

Balfour responde, nestes termos, aos

que duvidam da eficacia da ação naval inglesa:

E logo o ministro da marinha, comentava, demonstrando todo o seu orgulho:

«Para aquele que deseje saber se a armada britânica, durante o ano passado se manteve á altura das suas tradições, ha um metodo simples de fazer a necessaria verificação. Sete são as funções que uma armada pode desempenhar, a saber: afugentar dos mares o commercio inimigo; proteger o seu proprio commercio; tornar impotente a esquadra inimiga; tornar impossivel o transporte de tropas



«Não ha um unico navio mercante alemão no oceano; o commercio aliado está imune; a esquadra alemã de Alto Mar ainda não se atreveu além das suas aguas protegidas; ainda não houve tentativa de invasão destas ilhas (Inglaterra); tropas ingliezas, em quantidades sem precedentes na historia, tem sido transportadas por esses mares, etc.»

Marinha de guerra inglesa: A proa de um *dreadnought*

Isto mesmo levou o sr. Masterman a dizer que a armada inglesa «desfez, como com uma pancada de martelo, a Alemanha que vivia do comercio pelos mares, e conseguiu tornar a armada alemã tão inotensiva, como se não existisse, quer dizer, como se os 300.000.000 de libras gastos com ela, tivessem sido lançados ao Mar do Norte,» rematando com britânica satisfação: — *All's well, isto é, Vamos bem!*»

Qualquer que seja, pois, a eficacia da ação dos submarinos, é certo, e bem o confirma o grande conflito que traz o velho mundo a ferro e fogo, que em pouco ou nada pode tolher a verdadeira ação naval que continúa sendo, como quando escrevia Mahan, um importante e quasi decisivo elemento de triunfo.

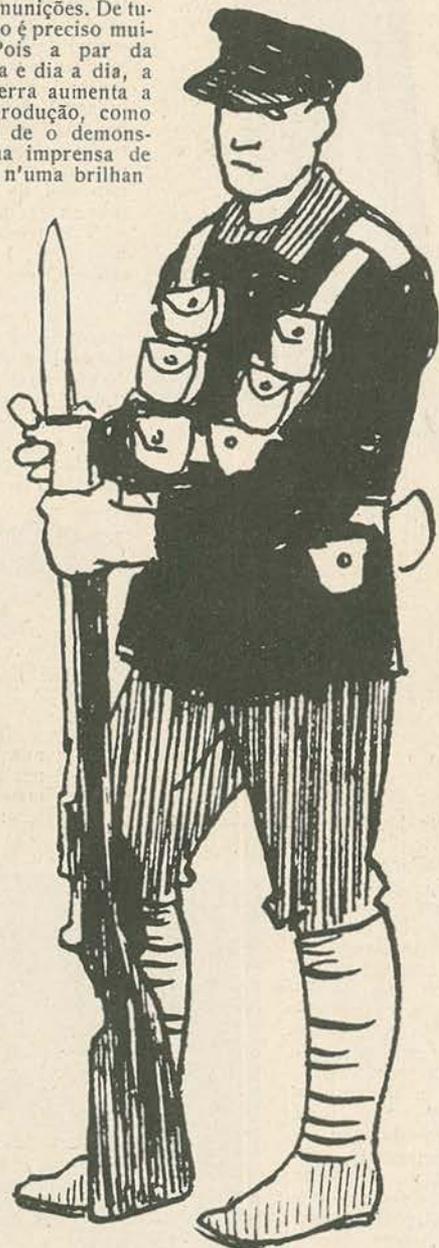
Para depreciar a cooperação inglesa, o inimigo não se limita a mofar da armada e faz a acusação, verdadeiramente caluniosa, de que a Inglaterra não tem sido leal, deixando de pôr na balança o que ali podia deitar. Pois bem: n'um rapido golpe de vista avaliaremos do que tem feito essa grande nação com todos estes elementos: exercito, munições e construções navaes; finanças do estado e economia nacional.

Antes da guerra, o exercito inglez, continental, compunha-se, mobilisado, de cerca de 233.000 soldados e 12.000 officiaes. Pois bem: em abril de 1915 já mais de 500.000 homens da Grã-Bretanha tinham atravessado a Mancha, e todo o exercito de Kitchner somava 3 milhões de soldados. Atualmente esses efetivos são quasi do dobro e, quando inteiramente funcionar o sistema do serviço obrigatorio, muito maiores serão, devendo a Inglaterra ter agora em armas, entre todos os pontos em que se combate, 5 ou 6 milhões de homens. A tal respeito é interessante lêr o que o sr. André Lebón escreve, n'um estudo seu:

«O corpo expedicionario em que tanto se falou em agosto de 1914, era o unico exercito de que dispunha a Grã-Bretanha, cerca de 160.000 homens. Os efetivos officiaes eram então os seguintes: serviço ativo 233.000 homens; exercito territorial 263.000. Mas se quizerdes levar em conta que a Inglaterra possui um certo numero de colonias, que nem todas são pequenas, comprehendereis facilmente que já não era mau esse corpo expedicionario de 160.000 homens colocado á nossa disposição. Alguns mezes após o inicio das hostilidades um inglez que é um homem de re-  
quintado espi-

inglez, aquele com que vós apenas pode-riets contar, aquele que os estados-maiores reservavam para as contingencias de uma invasão da Belgica, esse exercito não existe, d-vendo atender-se a que sobre os 160.000 homens de que ele se compunha, já perdemos 550.000.»

Vejamos agora a questão das construções navaes e dos armamentos e munições. De tudo isso é preciso muito? Pois a par da França e dia a dia, a Inglaterra aumenta a sua produção, como acaba de o demonstrar na imprensa de Paris, n'uma brilhante



A Inglaterra antes da guerra tinha 233 mil soldados armados.

Em abril de 1915 tinha mandado mais de 500 mil homens para França.

Em 1915 o exercito organizado por lord Kitchener era de 3 milhões de homens.

Em 1916 o exercito inglez ascendeu ao formidavel numero de 6 milhões de homens.

rito, mesmo quando escreve francez, publicava um artigo na *Revue de Paris* o qual começava, pouco mais ou menos, n'estes termos: *Espiritos cheios de boa fé e muito simpaticos perguntam frequentemente onde se encontra o exercito inglez, e eu respondo: — O exercito*

te série de cronicas, o distinto jornalista Jacques Marsillac que viu nos grandes estaleiros e arsenaes de Glyde e de Tyne concluir uma obra de «inacreditavel poder» na qual se ocupavam 250.000 mulheres, em substitui-

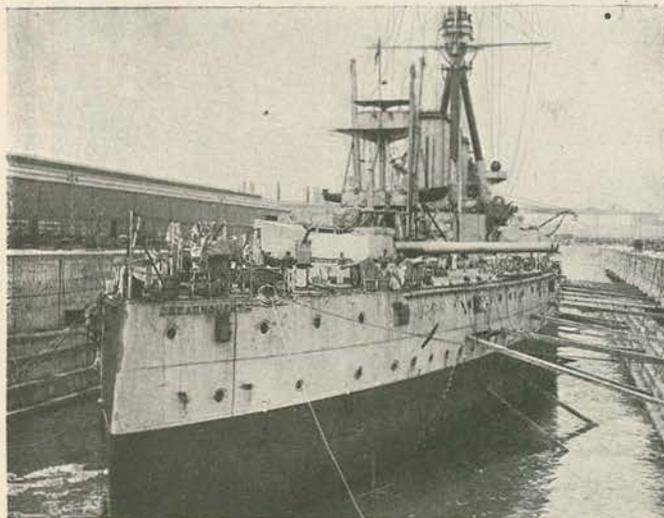
ção dos operários chamados às fileiras. Mar-sillac atribue a um oficial da marinha inglesa esta frase, bem significativa: «Os estaleiros de Clyde são o estabelecimento onde se vendem grossas de grandes navios de guerra, como n'outros estabelecimentos se podem vender grossas de guardas-chuva ou bonnets.» O que



Os ingleses avançando sobre os alemães com a sua artilharia pesada

decuplicou desde o início da guerra, tendo passado de 188.000:000 de libras esterlinas em 1913, a 1:885 milhões em 1916, quer dizer, aproximadamente 50 bilhões de francos. Como é natural não se pode fazer face a uma despesa semelhante com os recursos ordinários do orçamento, sendo necessário recorrer a toda a espécie de origens. Assim resulta que a dívida consolidada da Inglaterra passou já de 16 bilhões a 53, devendo no final do ano financeiro, em 1917, atingir a soma aterradora de 66 bilhões de francos, não incluindo ainda mais uns 20 bilhões a curto prazo. Por outro lado os impostos pagos pelos contribuintes ingleses, agora, sobem anualmente a 7:250 milhões de francos. Mais ainda: 40 % dos rendimentos anuais constituem atualmente o pesado encargo dos contribuintes britânicos, sem contar os impostos locais que são particularmente pesados em Inglaterra. Por fim, comparando-se as estatísticas dos tres primeiros mezes de 1914, com as dos tres primeiros mezes de 1915, primeiro ano de guerra, vê-se que as importações aumentaram e que as exportações baixaram nada menos de 37 %. Que mais será preciso apontar? O inimigo que barafuste e os seus mercenários que o imitem, se lhes apraz, ou se de tanto carecem para fazer jús á esportula que auferem: a velha Britânia, como diz Conan Doyle n'um trabalho em que sobejamente se demonstra todo o grande valor da cooperação inglesa n'esta guerra, ainda tem o espirito lucido para planear e o braço soberbo para ferir.

Edmundo d'Oliveira.



Marinha de guerra inglesa: Um dreadnought na doca.

o jornalista viu, pela descrição que faz, é verdadeiramente espantoso, e excede tudo o que possa imaginar-se sobre o assunto. Mais tarde se saberá, ao certo, o que o esforço da Inglaterra representa e vale. A obra colossal produzida e a produzir nos estaleiros e arsenaes de Clyde e Tyne, garantem a existencia ininterrupta de uma armada invencível. Pelo menos, quanto a armamento, está averiguado que atualmente a Inglaterra fabrica, em caso de necessidade, 500 metralhadoras por semana!

O aspéto final da nossa tese: o consideravel esforço financeiro e economico da Grã-Bretanha. Alguns poucos algarismos chegarão bem para dar uma idéa da grandeza do sacrificio inglês em prol da causa comum. O orçamento da Inglaterra



Movimento de mercadorias n'uma das enormes docas de Londres

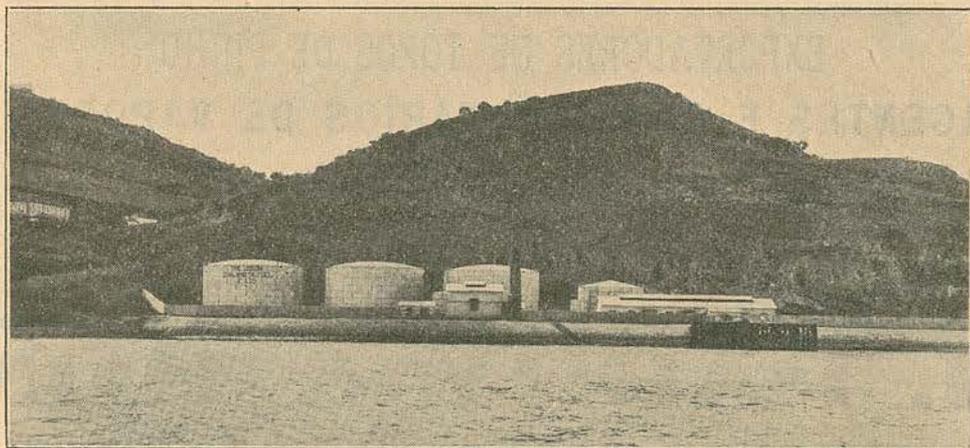


Um dirigível inglês gula um navio de vela que demanda um posto de observação

# The Lisbon Coal & Oil Fuel C.<sup>o</sup> L.<sup>td</sup>

Depositos na BANATICA

Telefone n.º 9 — ALMADA



SÉDE EM LONDRES

*29, St. Helens Court—Great St. Helens*

Escriptorios em Lisboa

**32, RUA DO OURO**

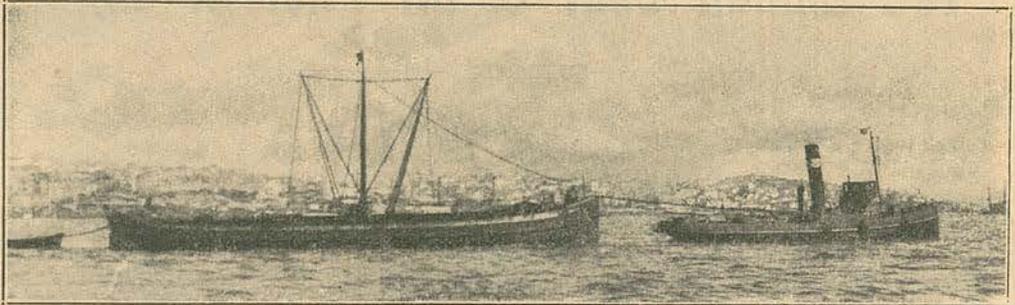
TELEFONE C—53

**Charles H. Bleck**

DIRECTOR-GERENTE

# G. F. Norton & C.<sup>a</sup>

Importadores de carvão de pedra



EXPORTADORES DE TOROS DE PINHO

AGENTES E CONSIGNATARIOS DE VAPORES

*Largo do Corpo Santo, 28, 1.º*

LISBOA

# H. PARRY & SON

Engenheiros

Construção de navios  
de ferro

CALDEIRAS E MACHINAS A VAPOR  
PARA TERRA E MAR

FUNDIÇÃO DE FERRO  
E METAES

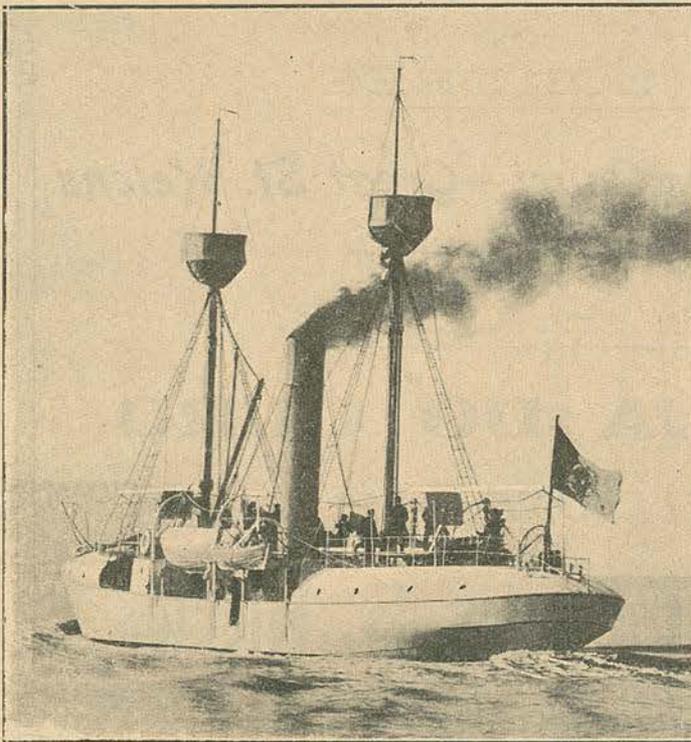
6-A Rua Vinte e 6-B  
Quatro de Julho

Lisboa

Telephone 689      Endereço telegraphico:  
NAVIOS

Docas de reparação  
em Cacilhas

**ESTALEIRO NO GINJAL**



A canhoneira "Chaimite" construída no nosso estaleiro

**FABRICAS:**

SEIXAL — PORTUGAL  
E BROOKLYN, N. Y. U. S. A.

**SUCURSAES:**

MORA, PORTUGAL  
SEVILLA SPAIN  
SAN ANTONIO  
PALAMOS

**ESTABELECIDA EM 1865**

TELE } GRAMMAS: MUNDET-SEIXAL  
      } PHONE: N.º 2 — PAIO PIRES  
CODES: } A. B. C. 5TH EDITION  
          } WESTERN UNION CODE

**DEPOSITOS:**

MONTREAL CANADÁ  
BUENOS AIRES REP. ARGENTINA  
HABANA CUBA  
NEW YORK U. S. A.  
LONDON ENGLAND

# L. MUNDET & SON

## EXPORTADORES DE CORTIÇA EM PRANCHA



**Fabricantes e exportadores de rolhas para vinhos,  
cervejas, aguas mineraes, garrafas,  
pharmacia, etc., etc.**

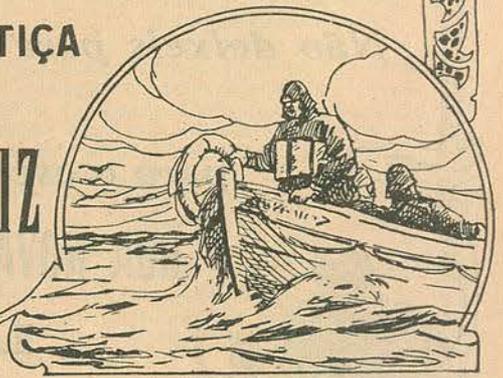
**BOIAS PARA PESCA**

**DISCOS DE CORTIÇA**

**PAPEL DE CORTIÇA**

**UNICA FABRICA NO PAIZ**

**TODAS AS DIVERSAS MANUFACTURAS  
DE CORTIÇA**





# TELEPHONE

TEMPO É DINHEIRO

— *Haverá maior comodidade, do que a de ter  
TELEPHONE em casa?*

— *Certamente que não.*

FAZEI AS VOSSAS ENCOMENDAS

PELO

TELEPHONE

*Não deixeis para amanhã. Pedi hoje mesmo  
orçamentos*

*para o escriptorio da Companhia*

RUA NOVA DA TRINDADE, 9, 2.º

LISBOA



# Sociedade Portuguesa DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade  
Limitada



Capital — Esc. 500:000\$

Rua Aurea, 32  
LISBOA

Numero telefonico, 777

End. telegrafico: SEGUROS—LISBOA

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO: — A. M. d'Oliveira Belo; J. W. H. Bleck; Hugo O'Neill e D. Afonso de Serpa Pimentel (Marquez de Gouvêa).

O CONSELHO FISCAL: — Antonio Serrão Franco; Luiz d'Oliveira Calheiros (Conde da Guarda); Fernando d'Oliveira Belo; Januario Antonio d'Almeida Junior e Manuel Joaquim Alves Diniz.

## Seguros maritimos e terrestres

A Sociedade Portuguesa de Seguros efetua seguros contra incendios, raio, explosão, etc., a premios variaveis, conforme os riscos oferecidos.

### Seguros flutuantes terrestres com liquidação mensal

A Sociedade Portuguesa de Seguros estabeleceu uma nova fórmula de seguros que oferece as maiores vantagens para casas commerciaes e empresas que tenham grande movimento de mercadorias, na alfandega, e em determinados armazens. Fazendo o seguro d'este modo, o seguro paga só o premio correspondente ao valor real das mercadorias seguras e efetivamente existentes, e só pelo tempo que durar o risco.

### Seguros de incendio e maritimos, contra os riscos de guerra, revolução, grèves e tumultos populares

### Seguros contra quebra de vidros, vitrines e espelhos

## Seguros maritimos

A Sociedade Portuguesa de Seguros efetua seguros contra todos os riscos do mar, avaria grossa e particular, encarregando-se tambem de fazer classificar em Lisboa ou no Porto, pelo Bureau Veritas, de Paris, qualquer embarcação á vela ou a vapor.

### Seguros de rendas de propriedades e seguros de lucros cessantes em caso de incendio

A Sociedade Portuguesa de Seguros garante a indenisação:

1.º Ao proprietario de predios urbanos, pela renda dos predios que deixar de receber em resultado de sinistro, durante os trabalhos de reconstrução.

2.º Aos negociantes pelo juro do capital, e prejuizos ocasionados pela paralisação dos seus negocios.

3.º Aos industriaes pelos prejuizos, segundo a importancia do sinistro, resultantes da paralisação total ou parcial das suas fabricas.

4.º Aos locatarios, pela parte das rendas de casas que ainda estiverem por vencer á data do sinistro.

Com esta nova fórmula de seguro, ficam os srs. proprietarios, negociantes, locatarios e industriaes garantidos contra todos os prejuizos que possam sofrer em caso de sinistro.

## Avaliações

A Sociedade Portuguesa de Seguros lembra aos srs. proprietarios de predios urbanos que em consequencia do premio do ouro, augmento do preço de materiaes de construção, mão de obra, e outras causas, as suas propriedades teem presentemente um valor superior ás suas antigas avaliações.

Havendo toda a vantagem para os srs. proprietarios em garantirem o valor integral e actual dos seus predios contra os riscos de incendio, evitando assim reclamações e deduções em caso de sinistro, a Sociedade Portuguesa de Seguros prontifica-se a mandar proceder «gratuitamente», e por seus peritos, ás avaliações rigorosas dos predios urbanos garantindo aos proprietarios contra o risco de incendios por um preço diminuto, o excesso do valor do predio (quando o houver) e que não lhe seja garantido por qualquer apolice de seguro.

Todos os pedidos de avaliação deverão ser dirigidos para a Sêde da Sociedade Portuguesa de Seguros, rua Aurea, 32, indicando o nome do proprietario, ou quem o represente, e situação do predio que se deseja avaliar.

## Seguros de fabricas

A Sociedade Portuguesa de Seguros tendo feito um estudo especial de riscos industriaes, está habilitada, em virtude das suas ligações com as principaes Companhias de seguros nacionaes e estrangeiras, a aceitar esses riscos da fórmula mais vantajosa para os srs. industriaes, prontificando-se a mandar pessoal tecnico para o levantamento das respectivas plantas.

## Agencias

A Sociedade Portuguesa de Seguros aceita propostas para a sua agencia em todas as localidades do paiz aonde não esteja já representada, não obstante a modicidade dos seus premios, garante comissões elevadas aos intermediarios e pagas antecipadamente por toda a duração do contrato do seguro.

Todos os agentes ou angariadores de seguros, além das comissões habituaes pagas em dinheiro, terão direito a uma senha por cada apolice de seguro contra incendio, dando direito a participar no sorteio que se realisará no dia 15 de julho, de 1917, de esc. 3.000\$00 em inscrições, pela seguinte fórmula:

1	bonus de Esc. 1.000\$00	(Um conto de réis)
1	" " " 500\$00	(Quinhentos mil réis)
4	" " " 200\$00	(Duzentos mil réis)
7	" " " 100\$00	(Cem mil réis)

Os angariadores de seguros poderão requisitar minutas e impressos para propostas de seguros na sêde da Sociedade Portuguesa de Seguros, em Lisboa, Rua do Ouro, 32; nos seus correspondentes no Porto—*Ramalho Ortigão & F.º*—RUA CARMELITAS, 162, ou em qualquer dos seus correspondentes nas provincias.

## Informações

A Sociedade Portuguesa de Seguros prontifica-se a fornecer quaesquer esclarecimentos sobre diferentes fórmulas de seguros, enviando um representante seu, sempre que fór feito o respetivo pedido, em bilhete postal dirigido ao Gerente da Sociedade.

# Fabrica de Papel d'ABELHEIRA

## TOJAL

### Guilherme Graham J.<sup>or</sup> & C.<sup>a</sup>

Especialidade em papeis de escrever, impressão e cartuxos  
em existencia e de encomenda

## DEPOSITO

# 27, Praça do Municipio, 28

## LISBOA

# Garland, Laidley & C.º Limited

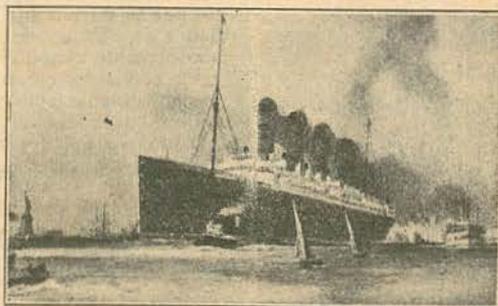
## LISBOA

Travessa do Corpo Santo, 10, 2.º

TELEFONES:

Central 23 (Fretes)

2848 (Passagens)



## PORTO

Rua Infante D. Henrique, 63

Telefone 436

Agentes geraes em Portugal das COMPANHIAS DE SEGUROS

The British & Foreign Marine Insurance Co. Limited  
(Seguros maritimos e de guerra)

The Liverpool & London & Globe Insurance Co. L.<sup>td</sup>  
(Seguros contra fogo)

e das COMPANHIAS DE NAVEGAÇÃO

Booth Line, Yeoward Line, Cunard Line, Lamport & Holt Line, Clan Line, Harrison Line, Direct Line  
(Prentice, Service & Henderson) Blue Funnel Line, The East Asiatic Co. Ltd., etc.

**BOOTH LINE:** — Serviço regular e rapido de paquetes correios com magnificas acomodações para passageiros de 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classe, para Pará e Manaus, e Iquitos, Maranhão, Ceará e Parnahyba, bem como para Liverpool com bilhetes directos para Londres.

**Lisboa a Nova York e Boston em 10 dias**, nos maiores paquetes do mundo, pelo serviço combinado **Booth-Cunard**. Passagens de todas as classes a preços modicos.

**YEOWARD LINE:** — Viagens semanaes entre Liverpool, Lisboa, Madeira e Ilhas Canarias. Preços das passagens: para a Madeira £ 4:40; para as Canarias £ 5:50.

**LAMPORT & HOLT LINE:** — Saldas directamente de Leixões e Lisboa para carga e passageiros para o Rio de Janeiro, Bala. Santos, Montevideu, Buenos Ayres e outros portos do Centro e Sul do Brazil.

**THE EAST ASIATIC Co. Ltd.:** — Serviço de novos paquetes de grande tonelagem, de Lisboa para Capetown, Freemantle, Adelaide, Melbourne & Sydney, e outros portos da Australia e Nova Zelandia.

Serviços de reboques e fragafagens, cargas  
e descargas, serviços aduaneiros, despachos, embarques, transitos, etc., etc.

**PÕ  
DE ABYSSINIA  
EXIBARD**

*Sem Opio nem Morphina.*  
Muito eficaz contra a  
**ASTHMA**

H. FERRÉ BLOTTIÈRE & C<sup>ie</sup>  
6, Rue Dombasle. PARIS

**FOTOGRAFIA**

*Rentlinger*

A MAIS ANTIGA DE PARIS  
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS  
**21, Boulevard Montmartre**  
PARIS

TELEFONE: Gutenberg 42-09      ASCENSOR

*Lêr na proxima quarta-feira o*  
**Suplemento de MODAS & BORDADOS**  
D'O SECULO

*secções de: Modas, Correspondencia, Figurino  
e Bordados*

**INTERESSANTES CONCURSOS**

**COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO**  
Sociedade anonyma de respons. limitada

Acções.....	390.000\$000
Obrigações.....	323.010\$000
Fundos de reserva e amortisa- ção.....	290.400\$000
Reservas.....	950.310\$000

**Sede em Lisboa.** Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobrelrinho (70-mar), Penedo e Casal de Hermio (Louza), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinos mais aperfeicoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina contínuo ou redondo e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do palz e é fornecedor exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

**ESCRITORIOS E DEPOSITOS:**  
LISBOA—270, Rua da Princesa, 27  
PORTO—49, R. de Passos Manuel, 51  
Serviço telegrafico em Lisboa e Porto  
Companhia Prado. Numero telefonico Lisboa 805—Porto 117

**CHA  
HORNIMAN  
EM PACOTES  
UM SECULO DE EXITO UNIVERSAL**

**Officinas da**



**Ilustração Portuguesa**

*Postas á disposiçào do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes por preços modicos e com inexcidivel perfeiçào.*

**TRABALHOS DE**  
**Zinco gravura, Foto gravura, Setereotipia,**  
**Composiçào e Impressão**

Zinco gravura e Foto gravura em zinco simples de 1.<sup>a</sup> qualidade cobreado ou nikelado. Em cobre, a cores, pelo mais recente processo—o de tricromia. Para jornaes, com tramas especiaes para este genero de trabalhos. Setereotipia de toda a especie de composiçào. Impressão e Composiçào de todo o genero de revistas, catalogos, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite. Impressão a ouro, prata, relevo, etc., etc.

**RUA DO SECULO, 43—Lisboa**

# COLGATE'S TALC POWDER



## Pó de Talco **COLGATE**

(COLGATE'S TALC POWDER)

Substitue com grandes vantagens  
o pó d'arroz.

INDISPENSÁVEL NA HIGIENE  
DAS CRIANÇAS E NA TOILETTE  
DOS ADULTOS

Encontra-se em todos os  
bons estabelecimentos que  
também vendem sabonetes,  
perfumes, loções, elixires  
dentífricos, crêmes, etc. d'esta  
acreditada marca americana.

Contra 6 cent. em estampilhas  
será enviada uma amostra  
pelos Agentes Geraes

SOCIEDADE LUZO-AMERICANA  
DOS ESTABELECIMENTOS



Gaston, Williams & Wigmore, Lt. da

SUPLEMENTO  
HUMORISTICO DE

O SECULO



Dirêtor: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Limit.ª

Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SECULO, 43—LISBOA

# A AUTOPSIA



Depois da guerra.

—Efectivamente o responsavel não foi ele, mas os macaquinhos que tinha no sótão...

## PALESTRA AMENA

## O sport

Aí está uma coisa que tem a marca genuinamente inglesa e que, se em outros países se encontra, é porque o importaram, direta ou indiretamente, de Inglaterra. Tem a marca inglesa da força, da higiene, da franqueza e até da elegancia, não d'essa elegancia convencional subordinada ao catavento da moda, elegancia que pôde ser franzina, quando Sara Bernhardt se impõe, bichuda, quando os bigodes do kaiser estão na berlinda, de calças dobradas em baixo, se Eduardo VII se esquece de lhes desmanchar a dobra, de mil modos que obedecem ao capricho, mas da que é a exteriorisação desempenada de quem a natureza e a educação arma para a luta com todos os inimigos empenhados em destruir o homem.

Os latinos importaram o sport e aceitaram-o, primeiro com reluctancia, depois com entusiasmo. Comprehende-se a dificuldade da adaptação em povos que só tardiamente vieram a perceber que o desenvolvimento do corpo deve acompanhar o do espirito; a sentimentalidade em excesso era n'elles um embaraço terrível á conquista do sport, chegando—como em Portugal—a desprezar-se o que indicasse força de musculo, agilidade, resistencia. Dos fortes dizia-se: «Vá para a alfandega!» e tempos houve em que a tuberculose era simpática a toda a gente, em que se tossia por fingimento, a fazer jús ao dó dos corações, em que um escarro de sangue n'um lenço era, não uma porcaria, mas um adoravel assunto para endeixas de vates sensíveis e até o primeiro passo para o casamento.

Mas hoje o sport vae triunfando; os jornais dedicam-lhe colunas, os ourives fabricam taças para os jogos esportivos, o dr. José Pontes e outros benemeritos transformaram a Porcalhota em Amadora, centro de sports, dão-se murros a preceito, o foot-ball apaixonou todas as classes sociais, até a dos petizes das ruas, o Felix Bermudes passava de raquette debaixo do braço, finalmente, n'este particular, estamos quasi inglesados...

Quasi, dizemos, porque para sportsmen falta ainda uma coisa: ser inglez. Sim, é belo, é conveniente, copia-los n'este campo, mas basta assistir a um torneio esportivo entre ingleses ou entre portuguezes, para se notarem diferenças profundas. O que n'elles é natural e franco, em nós é acanhado e contrafeito; a sua confiança e a sua indifferença «pelo que dirão os outros», não a imitam nós, geralmente em atitudes desconfiadas e com grande receio de «dar espetáculo»; a sua decisão, a sua pontualidade, a sua vontade, o seu conhecimento do que querem, todas essas forças concorrentes cuja resultante é o triunfo, no sport como em tudo, nós as temos latentes, envergonhadas, incapazes de se patentearem á luz, arrecadados n'um cantinho da alma.

Pois é preciso que saiam, corajosamente, sem tibezas, e vêr-se-ha que, uma vez cá fóra, podem bem sofrer comparação com a de qualquer outro

## Mudança de opinião



Enquanto a aldisia estava em poder dos boches.  
—Finalmente somos senhores d'um ponto estrategico que não tem rival!



Depois da mesma aldisia ter sido conquistada pelos ingleses.  
—Deixa-la. Também, como ponto estrategico era absolutamente insignificante.

povo, incluindo o grande povo inglez. (!)

JOSÉ NEUTRAL.

(!) Se esta «Palestra amena» fôr alguma vez lida em casa onde haja piano, dever-se-ha em seguida tocar o «God save the King».

## TEATRADAS

## Carta do "Jerolmo"

Minha Zefa.

Arresebi a tua meciva pedindome que te iscrevesse arrespeito do triato inguelez, porque in vista dus ultemos successos vèlicos da Inguelaterra istás dessedidamente cum os inguelezes. Vou-te fazer a vontade dezendute cus gaiteiros tiveram entre oitros um ótor de munta fama xamado Cheque-Spirra, pur cinal ca inda ce nan çabe ce izestiu ó não. Mas izestice ó não izestice u caso é que se fartou de iscrever pessas que não xegam áus calcanhares da Fava rica, cuma noite destas estes meus ovidos indignas de escuitarem taes periosidades oiviram no triato da Trindade, mas que cum dúveda o u sr. Afonço Gaio não se daria acinar.

Não poço descreverte toudas porque a iscaez du papel é cada vez mais maior i istá munto caro para a jente o incher dasneiras, mas vou falarte duma que me deu mais nu gouto. Xamace Otelo i é a istoira dum preto que casou cuma branca, a sr.<sup>a</sup> Desdemóna, encontra vontade du pai della i pur fim a mata cum siumeira apertandele u gasganete, istando ela mais inucente ca ti cando me vinheram dezer que me inganavas cu noço cumpadre Zé da Mula i que era mintira, cegundo tu me dixeste. Ora a rezão porque em Pêras Ruivas ce levantou este buato fui porque na minha ósencia viram u Zé da Mula intrar para noça casa toudas as noites i çair de madrugada, coisa ca final era munto inucente ó que me dequelaraste, porque ia súmente jogar a bisca contigo para te interter;

agora o raio do preto apanhou aque siumeira porque aparseu nas mãos dum tal Cacio um lenso pretensente Desdemóna! Vê tu çá coisa mais i tel!

De maneiras ca tese du Otelo é a seguinte:

«Não ce devem arreceber lenso dos pellas mulheres, porque é munto prigoso.»

I tu çabes lá a cuntidade de çarilho a que dá urigem u tal pedasito de pino! Além da morte da Desdemóna mail a morte dum tal Iago, que é patifão nu genero boche, é a morte do proprio Otelo, não se perdendo tmem grande coisa vistuque u preto é istupido i cumo janaral já tinha dado u que pudia dar.

E' isto u que cunhesso du triato inguelez. Tamem in tempos oívi o Amete mas não persevi cenão a tese, que é: «cas republicas ção milhores cunarquiaes porque os princezes podem çair malucos» e canto ó triato inguelez moderno já vi tamem algumas pessas in purtuges tão bem tardozidas que dou um doce a quem as tinha intendido.

Cum isto não te infado mais i istimo que estas duas regueras te vão axar ó çauda ca minha ó fazer desta é bõ grassas ó Guetri que me incheu a medida. Teu inté á cepultura

Jerolmo

Emprezario do Pau'itlan de Pêras Rulvas

## Delicadeza britanica



Um oficial inglez, aprisionando um oficial boche.  
—Peço desculpa de o ter feito prisioneiro sem primeiramente the haver sido aprisionado...

## CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para uso dos alunos dos liceus)

## Londres

Meus meninos e minhas meninas de ambos os sexos: venho hoje falar-lhes de Londres, mais vulgarmente conhecida por terra dos gaiteiros, e sobre as lendas que a seu respeito se tem inventado, começando por afirmar-lhes que a denominação é de todo o ponto impropria, porque, pessoas que a tem visitado e são incapazes de mentir asseguraram que nunca lá viram a mais pequena gaita.

Como esta, muitas outras falsidades se tem espalhado ácerca da capital da Grã-Bretanha—assim chamada porque é a região onde se fazem as peças de brentanha de maior extensão. Diz-se, por exemplo, que Londres é d'uma área enorme; pois oponho negação absoluta e vou convencê-los imediatamente de que a sua área não é superior á de Paris, á de Madrid, á de Lisboa, á de qualquer outra capital, emfim. Se não, olhem para aquele mapa da Europa ali pendurado; vêem os circulos que indicam as cidades em que falo? E' o que representa Londres maior do que os outros? Não. Ora quem faz um mapa não é nenhuma besta e não cometaria um tal erro, se realmente Londres fôsse do tamanho que dizem.

Hão de igualmente ter ouvido dizer que as ruas principaes de Londres são larguíssimas, para que por elas possa circular a enorme população da cidade. E' outro engano: não ha rua em Londres que não seja *street*. como podem verificar em qualquer dicionario, e *street* deve significar *estrito* e não largo. Pois não é assim?

Tambem é crença geral que em Londres se fala inglez, ilusão que se desfaz logo que qualquer aluno dos nossos liceus ponha pé em Londres. Muitos dos que me escutam tem frequentado as aulas de inglez nos liceus de Lisboa, não é assim? pois vão a Londres e se entenderem o que os habitantes d'aquella cidade lhes disserem ou se se fizerem entender por eles, creiam que assistem á realização d'um verdadeiro milagre.

Suponho que, depois do que deixo dito, ficarão fazendo uma idéa completa do que é a capital de Inglaterra, destruidas as fantasias que sobre ela se tem escrito e que, devo acentuar, de modo algum devem ser tidas como propostas: são devidas aos nevoeiros constantes n'aquella cidade, que a não deixam vêr senão muito imperfeitamente. Tenho dito e espero os aplausos do costume.

## Bonaparte

(Aluno do liceu Camões).

## Nacionalidade dupla

Diz um jornal que no Coliseu appareceu a reptar o brutamontes do Jack Johnson, um «suisso-americano».

Lá o vimos e com ele falámos, reconhecendo que não é tal suisso-americano mas sim francez—turco; a não ser que seja hespanhol-russo, o que tambem não repugna acreditar.



## MILTON

Chegou, emfim, a vez de ser focado  
O prodigioso Milton, meu colega,  
Que ha muito já no tumulo socega  
E que tão grande foi quão desgraçado.

Que vida a sua! quanto azar, coitado?  
Não se medonho fardo ele carrega!  
Primeiro, atura o Cromwell, depois cega  
E o seu poema tem de ser ditado!

Agora são passados tantos anos,  
Não se mostra o destino satisfeito  
E continua a produzir-lhe danos:

Quando se cria em paz no eterno leito,  
Já livre de importunos e profanos  
Faço-lhe eu um soneto tão mal feito!

BELMIRO.

## Criticas á companhia Guitry

Seria coisa curiosa a compilação do que por aí se disse e escreveu sobre as recitas da companhia franceza que ultimamente nos visitou. Estão essas compilações no programa do *Século Comico*, mas a maldita falta de papel...

Emfim, apenas alguma transcrição d'um e outro jornal. A respeito do *Servir*:

«E' uma das melhores peças de Laverdan...».

Outro jornal, no mesmo dia: «O autor do *Servir* foi extraordinariamente infeliz...».

O primeiro, sobre o *Après-moi*: «Bernstein d'esta vez não escolheu um assunto militar...».

Terceiro, ácerca da *Veine*:

«Alfredo Capus, o espiitioso autor de tanta peça interessante, não architectou uma obra verdadeira nem sequer verosimil, mas escreveu parte d'ela cheia de verdades, por vezes copia exatissima do que vai por esse mundo de Deus...».

Infelizmente os francezes estão atualmente tão ocupados que não é provavel que leiam jornaes portuguezes.

## Manteiga aguada

Descobriu-se agora—descobriram os particulares, porque as autoridades tem mais que fazer—que a manteiga que por aí se vende, além de varias mi-xordias, tem 50 por cento de agua.

Parece-nos que esta descoberta, longe de se traduzir em prejuizo para quem gosta de torradas com manteiga, antes se traduz em beneficio. O qual vem a ser, de futuro, habituado como está o paladar á agua, dispensar-se a parte gordurosa molhar-ss simplesmente o pão em agua do contador. E' muita economia.

## O Marques ainda cá está!

Perguntam-nos alguns leitores se o Marques não tem ultimamente feito alguma das suas. Tem, mas são tantas as cartas de empenho que nos escrevem a interceder pelo homem, que haviamos resolvido não tornar a bulir com ele. Em vista, porém, da insistencia dos ditos leitores, aí vai a ultima.

O Marques tem, como é sabido, uma mercearia na Baixa, por sinal que é concorridissima e que á porta se costumam aglomerar varios sujeitos em conversa e para dizerem graçolas ás senhoras que passam, como é lindo habito dos janotas lisbonenses.

Um dia d'estes o Marques, tendo de ir á farmacia Estacio, ao Rocio, aviar uma receita, reparou que á porta havia o seguinte letreiro: «Pede-se o favor de não estacionar á porta.»

Entrou e, intrigado, pergunta a um dos empregados:

—Que quer dizer aquele letreiro ali, na porta?

—Quer dizer que se pede ás pessoas a fineza de não se juntarem ali, de não permanecer...

Pensou logo o Marques que podia experimentar identico aviso lá na mercearia, julgando-o eficaz, porque realmente á porta do Estacio não via ninguém.

Dito e feito. No dia seguinte apparecia á porta da loja do Marques o seguinte letreiro: «Pede-se o favor de não marquesar á porta.» E esperou o resultado, satisfetissimo.

De ali a minutos um amigo entrou na loja e perguntou-lhe:

—Que diabo quer você dizer com aquele palavriado?

—Ora essa! quero dizer que espero o favor de me deixarem livre a entrada do estabelecimento.

—Mas lá diz «não marquesar...»

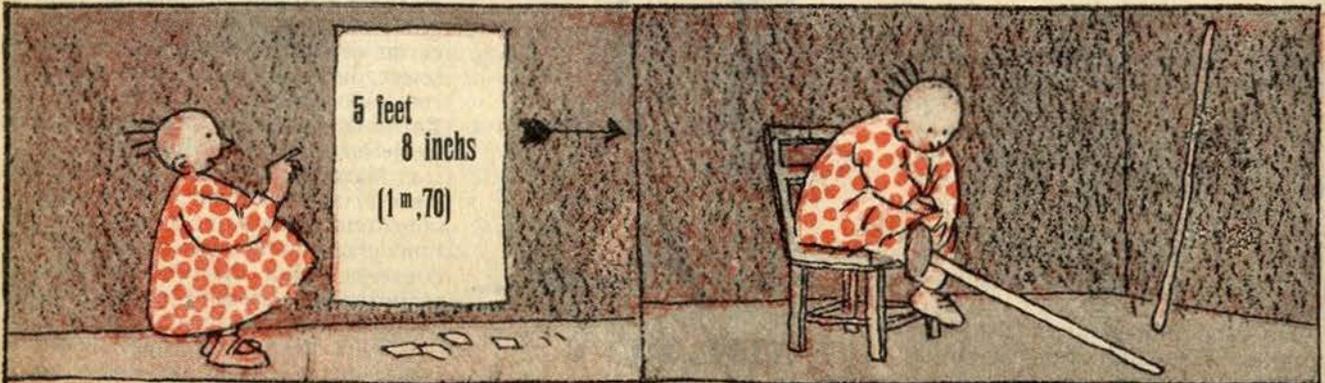
—E diz muito bem. A' porta do Estacio está um que diz não estacionar. Ora eu sou Marques e não Estacio; logo: «não marquesar». E' danado.

## Times in money



Um general francez para o inglez.  
—Enião não telegrafia para o ministerio da guerra dizendo que tomamos 99 canhões ao inimigo?  
—Não vale a pena gastar tempo a redigir telegramas senão tomando de cem para cima.

# MANECAS, SOLDADO INGLEZ



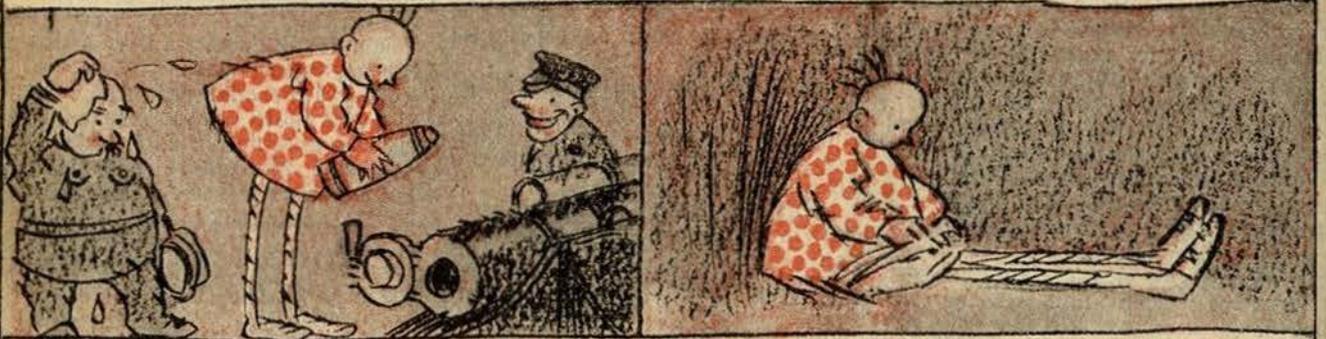
1.—Embriagado pelo valor dos Ingleses, Manecas parte para Londres, resolvido a alistarse. Infelizmente lê que para ser soldado precisaria de ter, pelo menos, 1 metro e 70 centímetros de altura!

2.—Ocorre-lhe uma idéia: fabricar umas andas e apresentar-se com elas á Junta d'inspeção militar, sem que esta dê pelo artifício.



3.—Assim faz, mas fica com 2 metros de altura e na infantaria não pode servir, porque está em enorme desproporção com os camaradas.

4.—Mandam-no para cavalaria, onde também não serve, porque chega com os pés ao chão e o cavalo passa-lhe por entre as pernas.



5.—Experimenta-se artilharia: não pode carregar as peças por mais que se esforce porque a mão não chega tão abaixo.

6.—«Estou resolvido a todos os sacrificios para combater convosco! diz para os outros soldados. Vou cortar as pernas!»



7.—Vae a casa, tira as andas e apresenta-se ao estado-maior, que se convence de que ele, efetivamente, cortou as pernas.

8.—Em vista de tal heroicidade é definitivamente aceite, para tambor, e condecorado perante o exercito que exclama entusiasmado: Hurrah por mister Manecas!»